

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ANDRESSA APARECIDA DE JESUS MEDEIROS

O ECLETISMO NO CASARÃO DO PARQUE LAGE:
O OLHAR DO VISITANTE E ANÁLISE MORFOLÓGICA DO ECLETISMO,
A HISTÓRIA, A ESCOLA E O TOMBAMENTO.

RIO DE JANEIRO

2015

Andressa Aparecida de Jesus Medeiros

ECLETISMO NO CASARÃO DO PARQUE LAGE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em História da Arte.

Orientador: Ana Cavalcanti

Rio de Janeiro

2015

Dedico este trabalho à minha família.

Aos meus pais Anderson Medeiros e Claudia Regina, pelo apoio que me foi dado desde quando escolhi meu curso, ao vestibular, e ao longo da minha trajetória, me proporcionando forças para chegar ao fim desta longa caminhada

Sem vocês nada disso seria possível. Obrigado pelo apoio, carinho e compreensão.

Essa vitória não é só minha, é nossa!

Agradecimento

Ao fazer esta pesquisa, pude perceber quantas pessoas passam por nossas vidas, deixando marcas consideráveis, positivas ou negativas.

Agradeço a Deus, que mesmo sendo uma força espiritual, sei que esteve presente nos meus momentos de angústias, e me proporcionou paz, e força para não desistir de meus objetivos.

Agradeço aos meus pais Anderson Medeiros e Claudia Regina pelo apoio, que me foi dado, desde quando escolhi o meu curso, e por estarem presentes para me apoiar.

Agradeço ao Leonam Augusto, por toda a força que me foi dado, sempre com palavras incentivadoras.

Agradeço a Emily Santana, Ana Carolina de Assis e Ana Beatriz de Assis, por todas as palavras de carinho, afeto, e amor que me foram dadas. E por compreender muitas vezes a minha ausência.

Agradeço ao meu melhor amigo Bethoven, pelo qual minha vida não teria sentido. Agradeço por todas as lições de vida que me ajudou a compreender. E foi seu amor, carinho, e afeto, que me ajudaram a recuperar minhas forças.

Agradeço ao Sr. Olínio Coelho, por me receber tão bem em sua residência. Por me conceder uma entrevista, e humildemente poder me esclarecer questões de luta.

Agradeço a Professora e Orientadora Ana Cavalcanti, por ter me orientado com muito carinho e dedicação.

Agradeço aos professores Raphael filho, Willian Bittar, Marize Malta, Rubens de Andrade, e Rosana de Freitas pelas dicas, e conversas que me auxiliaram em construções do trabalho. À pesquisadora Maria Helena Hermes, pelas conversas, e trocas de informações.

Agradeço as professoras Tania Queiroz, Cristina de Pádula, Maria Tornaghi, pelas aulas iniciais de mediação pela qual, originou meus primeiros pensamentos, e logo deram origem a esta pesquisa. Agradeço pelo apoio durante o estágio. E pelas oportunidades.

Agradeço a todos os visitantes do Parque Lage, o convívio, a mediação e todos os questionamentos que surgiram foram essenciais para a origem desta pesquisa.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos.

"O uso livre do passado"
César Denis Daly

RESUMO

MEDEIROS, Andressa Aparecida De Jesus. O Ecletismo no casarão do Parque Lage. Rio de Janeiro, 2015. Monografia (Graduação em História da arte) Escola de Belas Artes, Universidade Federal Do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Essa pesquisa teve como ponto de partida a experiência no estágio de mediação, realizado nas galerias da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, quando surgiram questionamentos e dúvidas dos visitantes a respeito do estilo arquitetônico da casa. De Início, as pesquisas preliminares indicavam que o prédio era de estilo eclético. No entanto a maior parte do público denomina como um estilo neoclássico. Procurou-se aqui estabelecer conexões entre as várias informações previas. Afinal, porque o casarão do Parque Lage é eclético? E porque freqüentemente foi descrito como neoclássico? Surgiram hipóteses a respeito de possíveis semelhanças entre o casarão com algumas Villas Romanas. Outra hipótese investigada foi a da aproximação entre ecletismo e o neoclassicismo na arquitetura dos anos 1920. Foram levantadas informações consideráveis relacionadas às lutas do processo de tombamento do Parque Lage, e esclarecimentos sobre o enigma do arquiteto do palacete. A análise a respeito do ecletismo levou até o ecletismo contemporâneo, resultado do processo de restauração a ser em breve efetivado. Todas estas questões foram descritas e elaboradas, estimulando a reflexão e a compreensão aprofundada sobre o estilo do palacete.

Palavras-chave: Parque Lage; Palacete; Arquitetura; Neoclássico; Ecletismo;

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1	Parque Lage
Ilustração 2	Mármore
Ilustração 3	Pintura Salvador Paylos Sabaté
Ilustração 4	Desenho de Riccardo Buffa.
Ilustração 5	Mansão Ilha de Santa Cruz
Ilustração 6	Edifício Ipù
Ilustração 7	Túmulos do cemitério
Ilustração 8	Planta Baixa
Ilustração 9	Villa Urbana
Ilustração 10	Castelo da residência do Henrique Lage em Santa Catarina.
Ilustração 11	Castelo de Lauro Muler
Ilustração 12	Palácio Diocleciano
Ilustração 13	Pátio Interno do Parque Lage
Ilustração 14	Teto Palácio Dioclesiano.
Ilustração 15	Teto Parque Lage
Ilustração 16	Esfinge Alada
Ilustração 17	Abóbada
Ilustração 18	Capitel
Ilustração 19	Ornamento
Ilustração 20	Mascarão
Ilustração 21	Compósita
Ilustração 22	Caixotão
Ilustração 23	Zoomorfo
Ilustração 24	Esfinge
Ilustração 25	Arcada
Ilustração 26	Mísula
Ilustração 27	Peristilo
Ilustração 28	Loggia
Ilustração 29	Arco
Ilustração 30	Balaústre

Ilustração 31	Inclusão
Ilustração 32	UFRRJ
Ilustração 33	Cavalariça
Ilustração 34	Projeto cavalaria
Ilustração 35	Elevador
Ilustração 36	Novo projeto

LISTA DE SIGLAS

EAV	Escola de Artes Visuais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IBA	Instituto de Belas Artes
OS	Organização Social
FCC	Fundação Catarinense de Cultura
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
EBA	Escola de Belas Artes
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
PPGAV	Programa de Pós Graduação em Artes Visuais

AUTORIZAÇÃO

ANDRESSA APARECIDA DE JESUS MEDEIROS, DRE 110101045, AUTORIZO a
Escola de Belas Artes da UFRJ a divulgar total ou parcialmente o presente Trabalho de
Conclusão de Curso através de meios eletrônicos e em consonância com a orientação geral
do SIBI.

Rio de Janeiro, _____, _____, _____

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 ECLETISMO

2.1 ANÁLISE DO TERMO ECLETISMO

2.2 ECLETISMO NA ARQUITETURA

2.3 ECLETISMO NO BRASIL

3 O PROJETO EDUCATIVO NAS EXPOSIÇÕES DE ARTE E EM ESPAÇOS CULTURAIS

3.1 EDUCATIVO NO PARQUE LAGE

4 O PARQUE LAGE

4.1 ESCOLA DE ARTES VISUAIS

4.2 O TOMBAMENTO DO PARQUE LAGE

4.3 O ARQUITETO DO PARQUE LAGE

5 O ESTUDO DA ARQUITETURA DO CASARÃO DO PARQUE LAGE

5.1 O CASTELO DE SANTA CATARINA

5.2 O PALACETE DO PARQUE LAGE E O PALACIO DIOCLESIANO

5.3 ECLETISMO CARIOCA E O ECLETISMO DO CASARÃO DO PARQUE LAGE

5.4 O ECLETISMO, E SEU ORNAMENTO NO CASARÃO DO PARQUE LAGE

5.5.1 Observações sobre o estilo neocolonial e o conceito de Aby Warburg sobre o tempo da imagem

6 RESTAURAÇÃO E MODERNIZAÇÃO.

6.1 A INTERVENÇÃO MODERNA EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS

REFERÊNCIAS

ANEXO

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi constituído a partir da vivência da autora em seu estágio de mediação que foi realizado no programa educativo, um projeto executado em instituições e galerias de arte, neste caso nas galerias da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage.

O trabalho executado neste processo de estágio possuía como base principal, uma relação direta com os visitantes da galeria de arte, fundamentada na EAV.

Esta relação direta com os visitantes ajudou para que fossem observadas as dúvidas e questionamentos que cada visitante possuía ao visitar o casarão da Família Lage localizada no Rio de Janeiro. Eram comuns conversas iniciadas a partir do estilo arquitetônico da casa. Estas perguntas foram essenciais para a construção desta pesquisa.

A proposta deste trabalho, portanto, parte da análise das informações que estavam sendo passadas, muitas vezes informações sem autoria, aos visitantes do Parque Lage. Talvez não seja possível responder completamente os questionamentos que são trazidos pelo público que é atendido pelos mediadores. No entanto a pesquisa não pretende responder as questões levantadas, mais sim utilizá-las como base para reflexões.

Durante as atividades realizadas nas galerias no casarão do Parque Lage, foi possível observar o quanto os visitantes possuem interesse em saber sobre o período em que a casa foi construída. Nessa busca, tentam achar uma classificação dos elementos arquitetônicos que ajudam na construção ornamental que constitui a casa. Estes eram os temas mais comuns das perguntas feitas pelos visitantes.

De novembro de 2012 a outubro de 2013, o estágio foi efetuado às segundas-feiras, dia em que o Parque possui um menor fluxo de visitação. Dessa forma, tornavam-se possíveis conversas mais longas e detalhadas entre mediadores e visitantes. Durante este processo, eram comuns perguntas tais como: De que período é a casa? A casa é estilo Neocolonial? Neoclássico? De alguma forma os “Neos” estavam presentes, nas definições dadas pelos visitantes¹. Os termos mais citados eram o “Neoclássico” e “Neocolonial”.

Pesquisas preliminares, definem o prédio como “casarão romano” ou construção de “estilo eclético do século XX”. Essas denominações são encontradas em sites de buscas, e textos de anônimos, o que dificulta verificar a veracidade das informações que, no entanto, chegam facilmente aos visitantes, provocando muitas dúvidas e questionamentos.

Até o período em que executei o estágio o projeto educativo possuía um roteiro (anexo 1) a ser seguido pelos mediadores. O mesmo relata a história do casarão, em seu contexto

¹ Grupo de famílias, turistas nacionais, estudantes de artes, arquitetura.

histórico e político, trata da construção arquitetônica, da maneira como se dirigir aos visitantes, da construção dos jardins, entre outros assuntos. Assim sendo, a política institucional do projeto educativo orienta o uso do termo “ecletico” para responder as questões trazidas pelos visitantes. Os mediadores eram orientados a informar o site da instituição como fonte de pesquisa, caso o público desejasse informações mais precisas.

A proposta de nosso trabalho é procurar conceituar e relacionar os termos ecletico e romano, apresentados como uma tipologia arquitetônica. Mediante os fatos aqui apresentados procuramos uma problematização do que seria a arquitetura “ecletica” do casarão do Parque Lage. O trabalho consiste em analisar o termo “ecletico” que está sendo utilizado, para informar aos visitantes sobre os aspectos arquitetônicos e ornamentais do prédio.

Sem um conhecimento prévio da área citada, algumas questões podem ser formuladas em decorrência de hipóteses: Toda construção romana é ecletica? ² O Parque Lage possui um estilo ecletico por ter sido construído na década de 1920, incorporando diversos ornamentos, de variados períodos históricos, o que dificulta sua denominação?

Após a realização de pesquisas preliminares, tais hipóteses podem ser descartadas, pois há grandes diferenças entre as construções romanas, sejam da Roma antiga ou clássica ou mesmo originárias do Renascimento ou do período Barroco. Em relação à década de 1920 foram construídos diversos edificios, com repertórios diferenciados, adotando outros estilos como Art Déco, Neocolonial, Normando e Modernismo, mas o ecletismo ainda era muito presente nas construções.

Essas são as principais questões que este trabalho pretende discutir e entender: a etimologia e os fundamentos do ecletismo e suas conexões com a arquitetura do casarão da família Lage. Este estudo, portanto, consiste numa apreciação aprofundada sobre o termo ‘ecletico’, evitando que este seja aplicado de forma simplista. O trabalho consiste também em entender o processo de tombamento, e as lutas pelas quais passou o Parque Lage, para auxiliar uma melhor compreensão dos estudos referentes ao casarão da família Lage.

No primeiro capítulo, abordaremos o projeto educativo na exposição de arte; no segundo a história do Parque Lage como instituição, seus proprietários, a escola de artes visuais, o tombamento, e possível arquiteto; no terceiro o estudo da arquitetura do casarão do parque Lage, e sua semelhança com outra construção, assim como outra residência da família Lage, situada em Santa Catarina; no quarto capítulo, o termo do ecletismo é relatado na

²A Hipótese do termo Romana, começa a fazer parte do trabalho, a partir do momento que pesquisas preliminares definem o casarão como Romano, e o termo passa a ser objeto de reflexão para o estudo.

arquitetura, no Brasil, e no Parque Lage; o ultimo capitulo relata a restauração e modernização, como uma intervenção moderna em um edificio histórico.

2 ECLETISMO

O termo ecletismo é muito utilizado na contemporaneidade, em assuntos diversificados. É costume utilizar o termo eclético quando se deseja dizer que algo tem uma mistura de opiniões, estilos, maneiras, teorias e até preconceitos. No entanto devemos procurar diferenciar este termo das artes visuais para as teorias distintas.

O ecletismo acaba sendo a melhor maneira de exemplificar algo que possui diversas combinações de estilos históricos, e que ao mesmo tempo, não se define como um novo estilo.

O conceito do termo é incrementado na historiografia da arte no século XVIII, pelo teórico alemão Johann Winckelmann (1717 – 1768). Winckelmann utilizou do termo para conceituar o trabalho do artista Annibale Caracci, que teria mesclado elementos barroco e da arte clássica, em sua obra.

No século XIX, este movimento passa a ser uma reação em contra partida ao estilo Greco-Romano, por conta disso os arquitetos começam a trazer a tona modelos históricos do passado como o gótico e o românico. Na segunda metade do século, o ecletismo teve forte influência nos edifícios europeus.

Nas Américas marca presença no Brasil, de meados do século XIX ao início do século XX, quando fará parte do plano de reurbanização das grandes cidades no Rio de Janeiro pelo engenheiro Francisco Pereira Passos (1836-1913). Como exemplo deste ecletismo possuímos o prédio do Museu Nacional de Belas Artes, (1908), e o Theatro Municipal (1909).

Ao abordar o ecletismo, Almir Paredes afirma:

O termo serve para designar a prática artística de apropriação e combinação do vocabulário formal de vários estilos ou da obra de outros artistas. Na teoria, o ecletismo visa pela mistura dos melhores elementos de um estilo, criar a obra perfeita. No entanto o que ocorre é, quase sempre, o inverso, uma obra de qualidade inferior. (...) (CUNHA, Almir, 2005,p.242)

Ao que parece pela definição de Almir, este não é um dos admiradores do ecletismo. Talvez a ausência de autenticidade do ecletismo, possa parecer que o mesmo possua uma qualidade inferior como é descrito, por Almir Paredes entre outros autores.

2.1 ANÁLISE DO TERMO ECLETISMO

Existem dois autores que foram úteis para esta pesquisa, que ao relatar a trajetória histórica e arquitetônica de Roma, fazem com que o leitor interprete que a arquitetura Romana

seja designada apenas como “ecclética”, sugerindo, inclusive, que toda a arte romana seria ecclética.

O primeiro é H.W. Janson quando afirma que os Romanos possuem grande admiração pela arte grega de todas as épocas e todos os estilos. Para ele a produção romana acabaria por importar estilos como os arcaicos, os clássicos e os helenísticos, sempre buscando no passado uma maneira de construir um presente. Janson conclui que:

Os próprios romanos consideravam a arte do seu tempo como decadente em relação a do grande passado grego, de onde tinham irrompido os principais impulsos criadores...

A civilização e a arte romanas receberam, assim, não somente a herança grega mas também, em menor escala, a dos etruscos e a do Egito ou a do Oriente Próximo. (JANSON,2001, p.233/234)

O segundo é Sigfried Giedion (1888-1968) que relata que a cidade de Roma foi palco para grandes estilos da arte desabrocharem e conquistarem um espaço na história da arte e da arquitetura. Neste caso este se referia aos anos de 1500.

Foi em solo romano que o renascimento atingiu o seu apogeu, e foi em Roma que foram formulados os meios de expressão barrocos, os quais penetraram a cultura ocidental como um todo...(GIEDION,2004,P.101.)

Diante destas considerações, é possível afirmar que os Romanos possuem em sua trajetória uma estrutura arquitetônica que mistura tendências entre passado e presente. Podemos dizer que a arquitetura Romana teve esta mistura de passados, possuindo uma tendência de cunho ecclético, no entanto este fato não faz do estilo Romano, um estilo somente Ecclético, até porque esta característica depende do momento histórico a ser apresentado.

Roma possui marcas deixadas pelos grandes momentos históricos, desde cidade imperial, republicana, medieval, renascentista, marcas barrocas... É mais que ecletismo, é a presença da história, que fora marcada pela sociedade, pela cultura. Como é dito por um dos principais teóricos do ecletismo francês César Denis Daly (1811-1893), a arquitetura traz “o uso livre do passado”. Neste caso dando liberdade ao arquiteto para fazer uso das principais características utilizadas nos estilos destas edificações. Ambos os autores citados, demonstram como o termo ecletismo foi utilizado em grandes períodos históricos.

Este fato demonstra que o ecletismo não é uma característica apenas do século XIX ou XX. Ao contrário já se faz presente muitos anos atrás, desde a Roma clássica até ser fundamentada nos estilos, mas atuais, como foi demonstrados por estes dois autores, e como exemplifica César Denis, a arquitetura ecclética, faz uso de estilos do passado. E este fato nos faz pensar que o ecletismo faz uso da história da cidade e de Roma.

2.2 ECLETISMO NA ARQUITETURA

Quando se possui a mistura, ou a combinação de diversos estilos, ocorrendo uma miscigenação arquitetônica em uma única obra, se dá origem a uma nova tendência, neste caso o termo eclético aparece para ajudar na definição desta fase arquitetônica.

Em relação ao Ecletismo como tipologia de estilos, o mesmo começou a ocorrer a partir do século XIX, na França, quando alguns arquitetos começaram a utilizar outras referências historicistas, além daquelas impostas pelo repertório clássico greco-romano, como o gótico e românico.

Patrícia Vasconcelos indica que o ecletismo teria como ponto de partida o rápido crescimento das cidades, pois a partir deste momento, ocorreria uma nova tendência de construções, pesquisadas nos catálogos que exibiam todos os estilos. Os modelos destes catálogos eram referentes à arquitetura gótica, clássica, renascença italiana e francesa. Os arquitetos e engenheiros trabalhavam juntos para atender as necessidades crescentes da população. Neste caso, havia a necessidade de um grande número de novos profissionais formados pelas escolas e academias. Estes novos projetos teriam autonomia de recriar estes modelos ou até mesmo procurar uma superposição de estilos, conforme o gosto do proprietário.

A partir da Universidade de Paris, este ecletismo espalhou-se para outros países da Europa e das Américas, já na primeira metade do século XIX. Para a burguesia, que se tornara rica com o desenvolvimento industrial e comercial, o ecletismo possibilitava grandes oportunidades de exibição de riqueza e originalidade, incorporando as melhores condições de conforto que a tecnologia podia alcançar na época.(VASCONCELOS, p.57)

Geralmente este termo costuma intitular a arquitetura como uma nova produção, provavelmente por ser justamente um estilo que traz consigo referências de várias tendências anteriores, buscando uma composição unificada. Se o Ecletismo Internacional possui todas estas características herdadas de seus antepassados e tem suas origens no século XIX, na Europa, como poderia ser descrito no Brasil ?

2.3 ECLETISMO NO BRASIL

A partir de meados do século XIX, o ecletismo arquitetônico iniciou sua trajetória pelas Américas. No Brasil, o ecletismo ficou associado ao período republicano, quando foi o estilo utilizado no início do século XX, contribuindo para a nova urbanização nas grandes

idades. No caso do Rio de Janeiro, foram derrubadas construções do período colonial, abrindo espaço para as construções ecléticas.

O ecletismo é uma junção de referências arquitetônicas, técnicas e estilísticas, que apresentam características muito diversificadas, dependendo dos programas, dimensões e objetivos dos respectivos projetos. Em algumas obras, encontram-se a busca pela grandiosidade, grandes espaços internos e riqueza decorativa. Residências abastadas eram marcadas pelo surgimento de porões habitáveis, fachadas elaboradas e acúmulo decorativo, incluindo os interiores. Afinal, era o estilo dos novos ricos, da burguesia em ascensão, da valorização de possuir algo. Apesar do neoclassicismo, da missão artística francesa a busca pela marca do passado permanece presente na arquitetura brasileira. Annateresa Fabris traz algumas considerações que podemos relacionar ao que foi dito em relação ao ecletismo no Brasil:

Diríamos antes que o ecletismo é um fenômeno mais vasto, que requer uma abordagem interdisciplinar, na qual se entrecruzam a história das mentalidades e a história da arquitetura com vistas não ao estudo do monumento isolado, mas a uma concepção particular do espaço urbano, que deita raízes em ideais como magnificência, expressividade, monumentalidade com a intenção de glorificar uma ideologia ou uma classe.” (FABRIS, Annateresa, p.135)

Tal citação pode ser utilizada para abordar os espaços do casarão do Parque Lage, pois ali, o ecletismo consiste não apenas na sua arquitetura com um olhar estético sobre a construção, mas enfatiza também sua inserção no espaço urbano, sua marca na história.

Fabris relata o ecletismo como uma abordagem interdisciplinar. Suas palavras exemplificam o que tem sido dito quando o assunto é ecletismo, geralmente relacionado a um fato artístico, arquitetura social e cultural. Como a própria autora relata, o Ecletismo, põe fim à idéia de unidade, voltando ao passado. E é voltando ao passado que podemos construir um novo presente, e talvez seja esta miscigenação entre passado e presente que faça da Arte Romana uma possível arte eclética. Fazendo uso deste pensamento, possamos adequá-lo no caso do casarão do Henrique Lage, que a cada visitante que usufrui do casarão, surge uma pergunta, e logo parte da história de Gabriela e Henrique, se faz presente. E com isto possamos relembrar não somente uma parte de nossa nacionalidade, de nossa história, mas sim recriar lembranças de uma jovem Italiana.

A maior parte dos estudos referentes ao ecletismo no Brasil, e especificamente no Rio de Janeiro, o indica como uma tendência que veio à tona no último quartel do século XIX. Na Europa seria como uma iniciação ao caráter moderno. Segundo Carlos Lemos, o ecletismo brasileiro é uma denominação aplicada a uma junção do neoclássico e o neogótico. O que

talvez possa causar certa confusão em termos de ecletismo na arquitetura. Pois as construções que possuem elementos neoclássicos e neogóticos poderão ser denominadas constantemente como ecléticos dando um novo sentido a palavra, e a arquitetura. (LEMOS, Carlos. 1979)

Esta relação entre o Eclético e “neos”, fora discutido também por Annateresa Fabris em “*O ecletismo à luz do modernismo*”, A autora procura fazer uma relação entre a arquitetura moderna que é enfática no século XX, fazendo uso do significado de neocolonial, a partir dos dizeres de Mario de Andrade. A autora cita o poeta, que relata o neocolonial no século XX, como uma “fórmula, reduzido a pastiches meramente decorativos”. Mostrando que muitos não gostavam do Ecletismo. Assim como observamos a definição de Almir Paredes. (FABRIS, Annateresa; p.288)

No entanto o casarão possui uma estética que visualmente agrada seus freqüentadores, e para visitantes e admiradores da estética arquitetônica, pouco importa a funcionalidade dos ornamentos.

3 O PROJETO EDUCATIVO NAS EXPOSIÇÕES DE ARTE E EM ESPAÇOS CULTURAIS

Não é de hoje que as galerias e museus possuem projetos educacionais, mas esse trabalho vem crescendo e está ganhando espaço no mercado de arte no Brasil, desde a década de 1990.

O educativo possui a presença de uma equipe de mediação, sendo os mediadores aqueles que estão à disposição dos visitantes para conversar sobre a exposição, sem dar respostas prontas e sem dizer exatamente os pensamentos do artista que expõe. Na verdade a proposta do educativo é justamente auxiliar o público a pensar sozinho. Pensar por si só.

Podemos afirmar que a maioria dos visitantes não possuem afinidade com arte, principalmente arte contemporânea. Assim, é dever do educador auxiliar a “pensar arte”, pensar a exposição. Trata-se de possuir conhecimentos por análises de pensamentos próprios. Não são necessárias muitas explicações, afinal arte não deve ser explicada. Arte deve possuir pensamentos livres. Arte deve ser sentida e observada.

Os visitantes são convidados a ver a exposição sozinhos e é a partir de suas primeiras impressões que se inicia uma conversa.

O educativo do Oi Futuro lançou em 2012 o primeiro seminário de mediação, definindo mediação como:

1. Ato ou efeito de mediar
2. Ato ou efeito de intermediário entre pessoas ou grupos; intervenção, intermédio. (FONTES, Adriana; GAMA, Rita, 2012.)

Esta definição exemplifica o que discutimos aqui, esta troca de informação entre mediador e visitante. A proposta de trabalho de um programa educativo nada mais é do que auxiliar o visitante em seus pensamentos sobre arte, dando-lhe um suporte para observar e entender as exposições. Ou seja auxiliar o mesmo a obter experiências a partir de suas visitas a um museu ou galeria de arte. Ocasionalmente ocorre certa problemática, onde Mediação é confundida com Visita guiada.

No entanto, o que diferencia uma da outra é justamente o fato de a mediação possuir um panorama educativo, de acordo com princípios educacionais baseados em normas e pensamentos de educadores, como Paulo Freire³.

Para uma boa educação, deve existir uma troca entre educador e educando, deve-se “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a própria produção e construção.” (FREIRE. 1996 apud TEXTO CAPACITAÇÃO DE MEDIADORES,)

Na mediação, há uma conversa a ser estabelecida, na qual ambos podem aprender. Geralmente a conversa pode ser feita em grandes grupos quando agendados, escolares, turistas ou grupos espontâneos⁴. Ao contrário da visita guiada onde o guia repassa ao visitante um texto que foi aprendido e decorado, geralmente sem prévios conhecimentos e sem fornecer ao visitante a oportunidade de estar conversando e esclarecendo suas dúvidas.

Esporadicamente a conversa pode tornar-se mais particular, sendo feita com uma ou duas pessoas. Isto ocorre quando a galeria é pequena e o mediador tem este tempo e autorização da instituição para atender ao público, de acordo com seu interesse. Uma das vantagens destas oportunidades é que o mediador acaba ficando à vontade com o público e a conversa acaba se tornando mais amigável.

Fernando Hernandez⁵ também retrata esta troca de informações como um processo educacional, afirmando que ela é necessária (...) “Para expandir o conhecimento dos alunos e responsabilizá-los pela importância que tem aprender dos outros e com outros”(…), (HERNANDEZ 1998 apud TEXTO CAPACITAÇÃO DE MEDIADORES) ocasionando uma troca de informações que pode auxiliar tanto o entendimento do público quanto a pesquisa do mediador. E foi exatamente o que ocorreu nesta troca de informações entre mediador e visitante.

A partir das dúvidas e questionamentos do público foi possível iniciar essa pesquisa que foi motivada pela ânsia de esclarecer tais questões.

Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, as vezes pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas. (FREIRE. 1996 apud TEXTO CAPACITAÇÃO DE MEDIADORES)

³ Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É Patrono da Educação Brasileira. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica.

⁴ Como os mediadores costumam se referir aos grupos heterogêneos, compostos por turistas, famílias, pessoas que marcaram a visita e acabaram por ficar no mesmo grupo, muitas vezes sem conhecimento mútuo

⁵ Fernando Hernandez, nascido em 1957, é doutor em Psicologia e professor de História da Educação Artística e Psicologia da Arte na Universidade de Barcelona.

Quando Freire escreveu o texto acima, estava se referindo a uma educação de sala de aula, numa relação entre aluno e professor, no entanto na atualidade podemos perceber que esta fala se encaixa perfeitamente no educativo que tem ganhado espaço nas galerias e museus.

Pois a arte não está certa de si, tampouco quem a fez, quem a observa, quem a ensina. A arte não possui certezas e nem direciona a uma. A arte o deixa livre para pensar e obter significações a partir de suas experiências. Nem o mediador, nem o artista nem o visitante estão certos, mas também não estão errados.

As afirmativas de Freire e Hernandez, citadas acima, fazem parte dos textos estudados durante o curso de capacitação e foram associadas às observações realizadas durante o estágio de mediação no Parque Lage, tornando-se a justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa.

3.1 EDUCATIVO DO PARQUE LAGE

O projeto educativo elaborado pelo Parque Lage é constituído a partir de um curso denominado “capacitação de mediadores”. O curso é oferecido gratuitamente a estudantes de artes visuais e semelhantes, a partir de 18 anos, previamente selecionados num programa de bolsa. O projeto educativo do Parque Lage autorizava os mediadores a ficarem à vontade com os visitantes, a responder suas dúvidas e questionamentos de maneira individual. O mediador ficava à disposição do público, ao contrário de algumas instituições em que o mediador só está autorizado a conversar com grupos previamente agendados.

As atuais professoras do projeto são Cristina de Pádula, Maria Tornaghi e Tania Queiroz. O curso prepara para atuar no mercado educacional das galerias de arte. Durante o curso os alunos participam de aulas práticas, teóricas, leituras de textos e estágio obrigatório. Após a conclusão do curso os alunos podem ser indicados a estagiar com remuneração em algumas instituições em parceria com a EAV, ou no próprio Parque Lage.

No caso aqui relatado, após a conclusão do curso, o estágio começou nas galerias da própria instituição. O Educativo do Parque Lage acaba tendo uma diferenciação dos outros educativos, a própria instituição. Geralmente a mediação ocorre a partir das exposições de arte, e como a arte está fundamentada no saber e no sentir do visitante.

No entanto o palacete do Parque Lage possui uma história que chama a atenção dos visitantes. Sua estética arquitetônica faz com que os mediadores se preocupem em possuir um conhecimento prévio da instituição, se preparando para as perguntas sobre o casarão.

O próprio roteiro de Mediação fornece suporte para a construção de conhecimentos sobre o Parque Lage em seus aspectos como instituição, palacete, história, escola, entre outros.

4 O PARQUE LAGE



IL.1 Parque Lage. Fonte: Foto da autora, 2014.

O Parque Lage (IL.1), instituição pública com acesso gratuito, é um espaço direcionado ao lazer, eventos culturais, incluindo uma reserva florestal. À primeira vista vemos um palacete com apenas um pavimento, construído sobre um porão, com grandes proporções nas portas, janelas, sacadas que formam varandas contínuas.

Localizado no bairro do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, a paisagem natural completa o visual do casarão. Seu interior possui arcos, que muitos alegam parecer a uma construção romana, dispostos em torno de uma grande piscina localizados em um pátio aberto, cujo terraço fica na direção do mesmo. À sua volta estão distribuídos os que outrora foram os aposentos da residência.

Externamente, sua grandiosidade provoca a curiosidade e leva a uma questão: Qual sua função, antes de se tornar este palacete turístico e uma escola de artes? O palacete aqui descrito foi residência particular de um casal, Henrique Lage⁶ e Gabriela Besanzoni⁷.

⁶ Henrique Lage (1881-1941) trabalhou na Inglaterra, como estaleiro de construção naval, e concluiu o curso de engenheiro na suíça, chegando ao **Brasil** exerceu atividades nos estaleiros da ilha do Viana, onde ingressou nas indústrias da família. Posteriormente intensificou a produção de carvão mineral em Santa Catarina se tornando um grande pioneiro nas indústrias de carvão.

⁷ Gabriela Besanzoni, 1888-1962 cantora Lírica Italiana

Desde o século XVI, a chácara havia pertencido a diversos donos, no entanto, foi em 1920 que Lage tomou posse do terreno, até 1941 quando veio a falecer, o casal não teve filhos, e Gabriela por ser estrangeira não pode herdar parte dos bens de Henrique, que ficou destinados a união. Gabriela voltou para Itália, e lecionou canto até 1962, data de sua morte.

Ao que indicam algumas pesquisas fornecidas pela Biblioteca do Parque Lage. Henrique Lage construiu o palacete em estilo italiano para agradar sua amada Gabriela, que era italiana e possuía uma admiração pelo estilo. Acredita-se que esta foi a maneira que Henrique encontrou para deixar sua esposa mais próxima de suas origens, e talvez assim se sentisse mais acolhida. Ao que indicam as pesquisas preliminares, tanto do Parque Lage, quanto de outras fontes, o projeto teve início em 1927, pelo arquiteto italiano Mário Vodret⁹. Como veremos adiante, essa hipótese é contestada pela pesquisadora Maria Helena Hermes que indica Ricardo Buffa como o arquiteto do casarão.

Observando-se a fachada principal, o palacete possui a linguagem da arquitetura eclética e seus pormenores de estilos variados, incluindo elementos clássicos.

Seus ornamentos são feitos em mármore (IL.2), azulejos e ladrilhos italianos. As pinturas (IL.3) que decoram os salões internos são de autoria do artista Salvador Paylos Sabaté.



IL.2 Mármore Fonte: Foto da autora



IL. 3 Pinturas Sabaté Fonte: Foto da Autora

Em 1965 foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como Patrimônio Histórico e Cultural da Cidade do Rio de Janeiro.

⁹ Mario Vodret, arquiteto italiano teria sido trazido por Gabriela ao Rio de Janeiro, para construção do palacete, posteriormente (1928) elaborou a construção do grande templo israelita do Rio de Janeiro, localizado na Cruz Vermelha e Edifício Seabra no Flamengo .

Abaixo temos a descrição dada pelo próprio Instituto.

O Parque Lage ocupa uma área de aproximadamente 523.000 metros quadrados. (...) Além dos jardins projetados por John Tyndale, restaurados em 1926 por Leonam de Azevedo, compõem a paisagem, uma grande mansão, florestas, grutas, o torreão, o calabouço dos escravos, lagos, represas e um mirante, do qual existem apenas ruínas, conhecidas pelo nome de Engenho dos Rodrigues de Freitas. Foram estes que contrataram, em 1849, o paisagista inglês John Tyndale para embelezá-los e dar-lhes um aspecto moderno. O paisagista inglês transformou o que era uma floresta em uma elegante quinta ao estilo europeu. Em 1859, Antônio Martins Lage adquiriu a propriedade dos Rodrigo de Freitas por oito mil réis, passando a chamar-se Chácara dos Lages. Em 21 de novembro de 1900, ele a transfere aos seus três filhos, Alfredo Lage, Roberto Lage e Antônio Martins Lage Filho[que viria a ser pai de Henrique Lage]. Em 1920, Henrique Lage (então único proprietário da chácara) contrata o arquiteto Mário Vodret para projetar a mansão. A construção eclética é ladeada por jardins geométricos que apresentam áreas amplas desprovidas de arborização mais exuberante. Atualmente, o Parque Lage é administrado pelo IBAMA, cabendo sua conservação e limpeza ao Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. A Escola de Artes Visuais, que ocupa a mansão dos Lage, é o antigo Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro.
(http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1776)

4.1 ESCOLA DE ARTES VISUAIS

O casarão do parque Lage suporta atualmente a Escola de Artes Visuais que é um órgão da Secretaria de Estado da Cultura, criada em 1975 pela ocasião da fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio De Janeiro, e assim substituiu o antigo Instituto de Belas Artes/IBA que Inicialmente, havia funcionado na Praia Vermelha.

A instituição possui os ideais de ser uma escola livre, sem haver pré-requisitos de admissão. Deixando assim o aprendiz de artista livre para se expressar e abranger o pensamento contemporâneo. A escola é um ambiente dinâmico, de muitas manifestações. Desde sua fundação, os artistas podiam se expressar sem censura, quebrando barreiras estabelecidas pela ditadura militar. Desta forma é uma união entre arte, natureza e história.

Vejamos uma Breve cronologia a respeito da escola, com seus respectivos diretores e suas ações:

- 1975 - Diretor Rubens Gerchman, mudou a filosofia do antigo IBA, convidando artistas para lecionar na escola. Podemos mencionar dentre estes Roberto Magalhães, Celeida Tostes, Dionisio Del Santos, Gastão Manuel Henrique, Helio Eichbauer e Alair Gomes.
- 1979 - Diretor Rubem Breitan, convidou os seguintes docentes: Luis Aquila, John Nicholson, Charles Watson. Este momento preparou aquela que viria a ser conhecida como a Geração 80.

- 1983 - Marcus Lontra, foi o responsável pela organização do evento de grande porte Geração 80 (1984), marcando a história da arte contemporânea.
- 1991 - João Carlos Goldberg, introduziu o conceito de “Escola Aberta” aderindo aos intercâmbios com instituições nacionais e internacionais.
- 2000 – Foi inaugurado o espaço de exposições no edifício das cavalariças.
- 2009 - Claudia Saldanha assume a direção da Escola
- 2014 - Lisette Lagnado assumiu a direção da Escola, após a instituição passar a ser administrada pela Organização Social Oca Lage, escolhida pela Secretaria estadual de Cultura para implantar um novo modelo de gestão, mais moderno, nas unidades.

4.2 TOMBAMENTO DO PARQUE LAGE

É extremamente satisfatório para todos os cidadãos, ao se deparar com um edifício histórico como o Parque Lage, obter a notícia de que o mesmo é oficialmente um patrimônio histórico tombado. No entanto, não podemos deixar de mencionar a luta que foi para que ocorresse este tombamento.

O Parque Lage teve seu Tombamento pelo estado da Guanabara em 15 de julho de 1965. Os grandes responsáveis pela luta e pelo tombamento do Parque Lage foram os Professores e Doutores Marcello de Ipanema¹⁰ e Olínio Coelho.¹¹

O Sr. Olínio muito lutou pela preservação do Parque Lage, não somente pelo edifício central mais conhecido como casarão, mas também pela sua importância florestal. Enfrentou grandes dificuldades em sua trajetória. Uma delas foi a exoneração de seu cargo.

A problemática de Tombamento do Parque Lage se iniciou em primeiro de outubro de 1976, quando a prefeitura liberou a construção de dois edifícios Pallazo Del Parco com 11 andares e Pallazo Pitti, com cinco andares. A construção se daria num terreno vizinho ao Parque Lage. Logo no início das obras, começaram a surgir várias manifestações de protesto contra as construções, pois estas ocupariam uma das áreas verdes mais preservadas da cidade.

¹⁰ Primeiro Diretor do patrimônio histórico e artístico do estado da Guanabara. (pesquisador/historiador) em 1965 por Carlos Lacerda

¹¹ Olínio Coelho, arquiteto, foi o grande responsável pelo patrimônio do estado da Guanabara, e elaborou o decreto de tombamento do Parque Lage. Criou o Curso de Restauo da Universidade Federal Do Rio De Janeiro (UFRJ).

O Professor Gilberto de Freitas¹² escreveu para os jornais, considerando a obra ilegal. O Prefeito Marcos Tamoyo demitiu o Professor Marcello de Ipanema, até então Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico do Município, logo depois ocorreu a demissão do Sr. Olínio Coelho responsável pelo Tombamento da divisão. Ambos foram exonerados de seus cargos por serem contra a construção ilegal, pois o parque já havia sido tombado.

O conselho estadual de cultura havia se manifestado, considerando ilegal o licenciamento da obra. Considerava-se então que o Parque Lage havia de ser um bem tombado sob a proteção da prefeitura, pois a antiga Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Guanabara, havia sido transferida para o âmbito municipal, inclusive com a preservação de todas as funções que lhe eram cabíveis. O conselho entendeu que o fato do Parque Lage ter sido desapropriado pela União não alterava o fato de ser um bem tombado, e logo preservado. Em 14 de Junho de 1977, o presidente do conselho Estadual de Cultura pediu ao prefeito Marcos Tamoyo que a obra fosse interditada, pois estaria pondo em risco a integridade do Parque. Considerava inclusive que os bens tombados pelo antigo Estado da Guanabara estariam agora sob responsabilidade do Estado do Rio de Janeiro. De modo breve e conciso, procuremos fazer um panorama cronológico sobre este processo de tombamento, recorrendo às palavras do Prof. Dr. Marcello de Ipanema (1924/1993) que redigiu o documento intitulado “Venceu a cidade”, que me foi fornecido pelo Prof. Dr. Olínio Coelho.

1957 - Tombamento do Parque Lage pela diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O relator arquiteto Lucio Costa considerou que a preservação da faixa arborizada era de suma importância para a cidade. Afirmou que seria uma lástima a perda do contato direto e permanente desta propriedade.

1958 – O Banco do Brasil solicitou o cancelamento do tombamento, que foi negado pelo presidente Juscelino Kubitschek. A Firma Comércio e Indústria Mauá comprometeu-se a comprar o Parque Lage (CR\$ 100.000.000,00) e pediu o cancelamento do tombamento, para uma construção empresarial. O alvará da construção foi concedido pelo governador do Estado, Sette Câmara.

1961- Ocorre um apelo por parte do Diretor do DPHAN Dr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade ao Ministro da Educação e Cultura, contra o cancelamento que foi efetivado em 30/07/1960 pelo presidente Juscelino. No entanto foi um pedido negado. O pedido do cancelamento foi mantido. E o alvará da construção dada pelo estado da Guanabara foi prorrogado.

¹² Integrante do antigo conselho de tombamento do estado da Guanabara

1964 - Foi enviado um projeto de desapropriação do Parque Lage pelo governador Carlos Lacerda, com as seguintes argumentações:

- É a última área florestal na Zona Urbana
- Abrange a área de proteção de um manancial
- Estabelece ligação entre a Rua Jardim Botânico e a mata do Corcovado;
- A construção de grandes edifícios nessa área afetaria, inevitavelmente, não só a floresta e o parque, como a própria visão do Corcovado, cuja base até boa parte da encosta seria modificada a ponto de desfigurá-la.

1965 - Neste ano o Decreto referente ao Tombamento do Parque Lage foi inicializado pelo diretor do Patrimônio Histórico e artístico do estado da Guanabara. Prof. Marcello de Ipanema, e pelo chefe do serviço de tombamento e proteção Prof. Dr. Olínio Gomes Paschoal Coelho, a quem foi direcionado o estudo do tombamento do Parque Lage.

Levou-se em consideração:

- Que o parque constitui um conjunto paisagístico de grande importância para o urbanismo.
- Que o parque e sua exuberância arborizam e realçam a composição da vegetação que emoldura o Corcovado.
- Que o parque agenciado pelo homem é característica do século XIX. E que possui palmeiras contemporâneas das existentes no Jardim Botânico.

Assim sendo o parque veio a ser tombado, como tombo arqueológico, etnográfico e paisagístico da divisão de patrimônio histórico e artístico.

Ainda em 1965 houve a ocupação do prédio pelo Instituto de Belas Artes (IBA).

1969 – Foram confirmados e aprovados os atos de tombamento até então realizados.

1975 - Neste ano foi decretado que passariam ao Município do Rio De Janeiro, as administrações dos serviços e demais funções inerentes a vários órgãos entre os quais a divisão de patrimônio histórico e artístico e da ex-secretaria de cultura desportos e turismo do ex-Estado da Guanabara.

1976 – Um parecer do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) acrescenta: Tal medida tem por fim ser examinada a conveniência de um maior afastamento das construções para aquelas divisas previstas, valorizando assim a Rua Jardim Botânico e o Corcovado.

O IPHAN pede que a divisão de Patrimônio Histórico e Artístico da cidade, aplique normas federais, estaduais e municipais, nas áreas de proteção.

O Parque foi considerado em condições ecológicas do sítio em benefício à comunidade e teve o valor do imóvel reconhecido, razões pelas quais o Parque Lage foi considerado de utilidade Pública.

Em abril do mesmo ano, o chefe do serviço de tombamento, Dr Olinio Coelho, nega a autorização da obra ao lado do Parque Lage, alegando junto a legislação vigente que o mesmo possui finalidade de preservação paisagística deste magnífico parque, como também da manutenção de sua ambiência e visibilidade, possuindo apoio do Prof.^a Marcello de Ipanema.

Em maio foi requerido à transferência da divisão do patrimônio histórico e artístico do estado da Guanabara ao Município do Rio de Janeiro.

E nestas condições o Prof.^a Olínio declara:

O licenciamento pretendido neste processo não pode ser autorizado, pois que fere essencialmente o disposto no paragrafo único, (...) que uma vez que as edificações requeridas representarão [sic] a segurança do Parque Lage, em sua integridade estética, em sua ambiência como ainda em sua visibilidade, inserindo-se inconvenientemente, no conjunto panorâmico circunjacente.

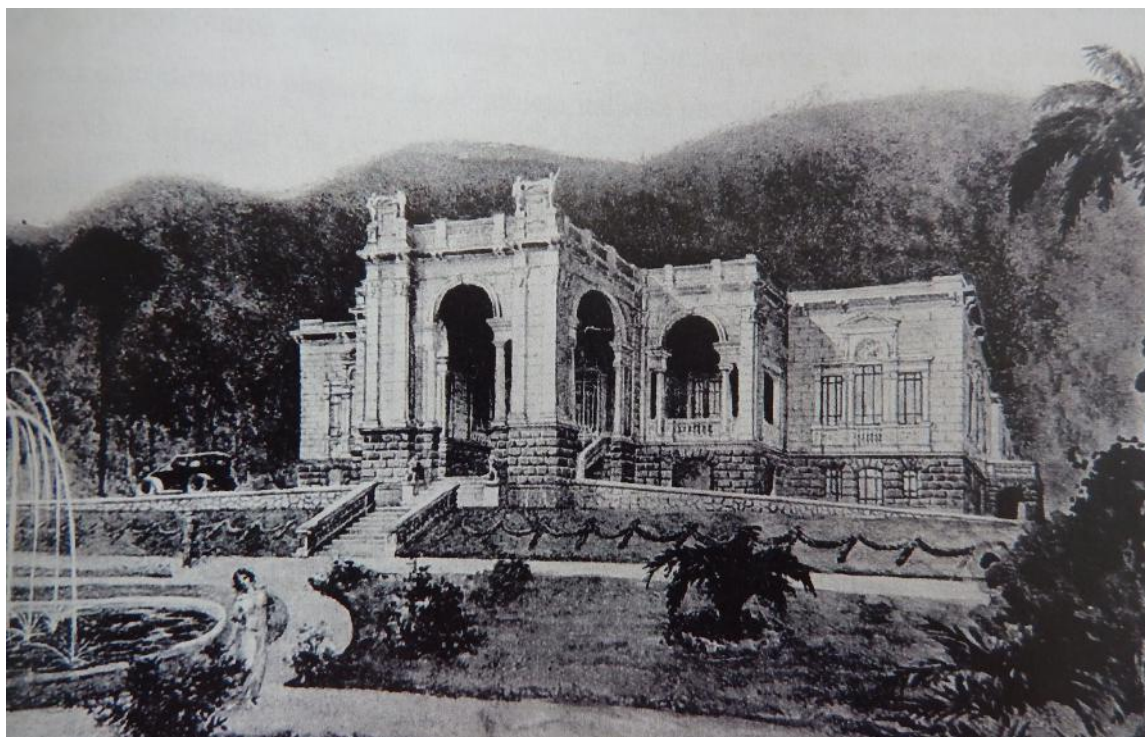
Em 1977 houve uma denúncia por parte dos Prof.s Olínio e Marcello, a respeito da demolição da vizinhança do Parque Lage, que foi licenciada sem prévia de uma audiência.

Durante alguns meses a luta foi levada adiante entre cartas e decretos que foram discutidos para que fosse obtido o tombamento do Parque Lage.

4.3 O ARQUITETO DO PARQUE LAGE

As pesquisas preliminares mostram que Mario Vodret seria o arquiteto do Parque Lage. No entanto, apesar desta informação estar presente em muitas pesquisas, não há nenhum registro ou documento oficial que comprove este fato. Ao contrário existem pesquisas que dizem exatamente o oposto.

Maria Helena Hermes (2012), em sua pesquisa de doutorado sobre a Arquitetura dos Italianos na cidade do Rio de Janeiro, realizada no PPGAV-EBA-UFRJ, esteve na Itália para melhor elaboração de seu trabalho. Em sua tese relata que a autoria arquitetônica do Palacete do Parque Lage seria de Riccardo Buffa. “[...] o arquiteto piemontês foi incluído no nosso trabalho, pois ao que tenhamos conhecimento, a autoria estava ainda atribuída no guia oficial carioca a Mario Vodret. [...]” (HERMES, Maria Helena da Fonseca. 2012. p.455).



IL. 4 Desenho de Riccardo Buffa, 1925. Fonte HERMES, Maria Helena da Fonseca. 2012. p.455

Durante sua estadia na Itália, Maria Helena, teve acesso a um desenho (IL. 4) que contesta a autoria de Vodret e atribui ao Buffa. “...a imagem da perspectiva publicada, original, antecipa em dois anos a data do projeto da resenha e contesta a autoria oficial atribuída à residência.” (HERMES, Maria Helena da Fonseca. 2012. p.456.)



IL5. Ilha de Santa Cruz Fonte HERMES, Maria Helena da Fonseca. 2012.

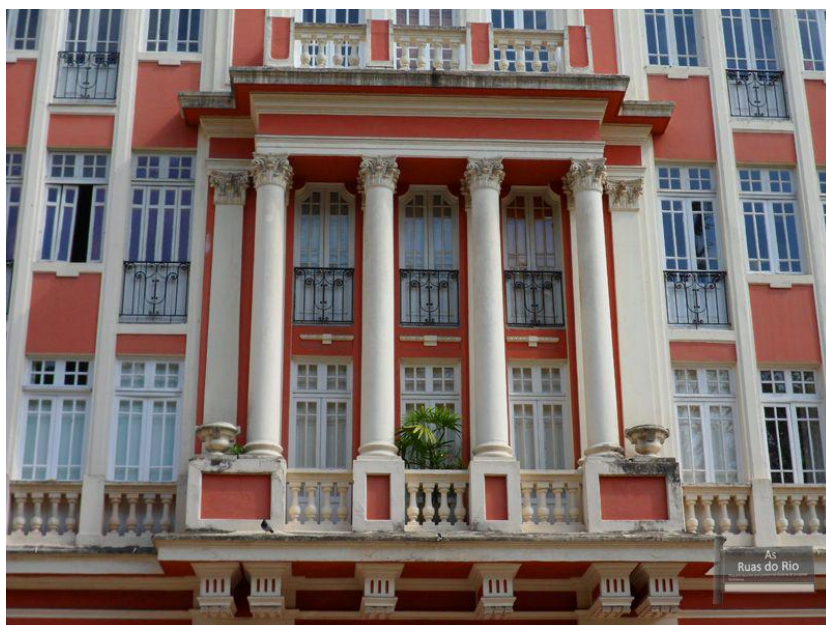
A autora relata que na época em que se estava construindo o casarão dos Lage, no Rio de Janeiro, Mario Vodret estaria em Roma por volta de 1925/28, responsável pela construção de ao menos três edifícios¹³, o que dificultaria sua presença no Rio de Janeiro.

Outro dado levantado pela autora é que ao se casarem em fevereiro de 1925, Henrique e Gabriela, realizaram seu almoço oficial de casamento em sua mansão na Ilha de Santa Cruz (IL.5)

A instituição do Parque Lage acredita que as obras de construção do palacete se iniciaram em 1927, assim como afirma o Guia da arquitetura eclética carioca.

Caso Mario Vodret tenha participado da construção, seria após sua chegada ao Brasil em torno de 1929/1930. Segundo Maria Helena, o mesmo não esteve no Rio antes. Por volta de 1925/26 não há construções e projetos de Mario Vodret na cidade.

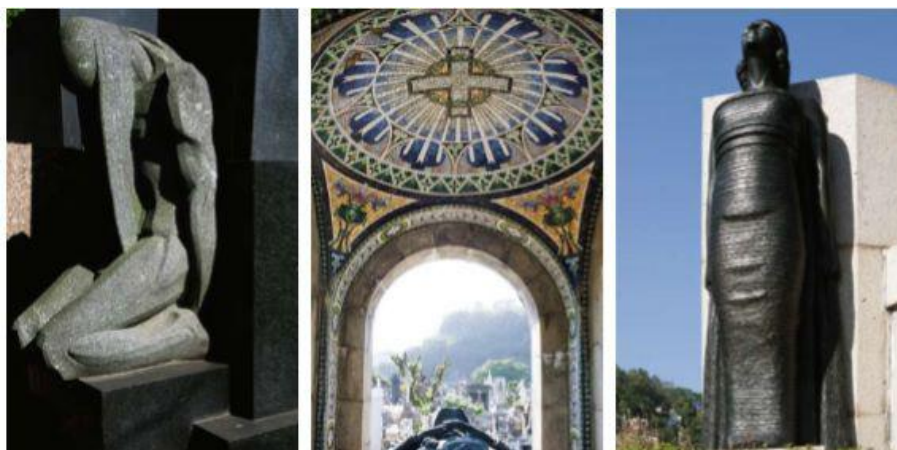
No entanto há construções de Buffa por volta de 1922, inclusive o Pavilhão do Matarazzo, que além de italiano era também, amigo do Henrique Lage. Buffa inclusive foi arquiteto em um edifício residencial¹⁴ de Henrique Lage na Glória, atualmente Edifício Ipú (IL. 6) e de um projeto no morro da viúva, não construído. Buffa teve pequenas construções, como o Túmulo do Visconde de Moraes e o Túmulo de Felipe D' Oliveira no cemitério São João Batista, Botafogo (IL.7).



IL 6. Edifício Ipú. Fonte: <http://vejario.abril.com.br/blog/as-ruas-do-rio/rua-a-rua/tempos-de-gloria>

¹³ Casa Palmieri, Palazzina a Ostia al Mare e o Villino Sorcinelli).

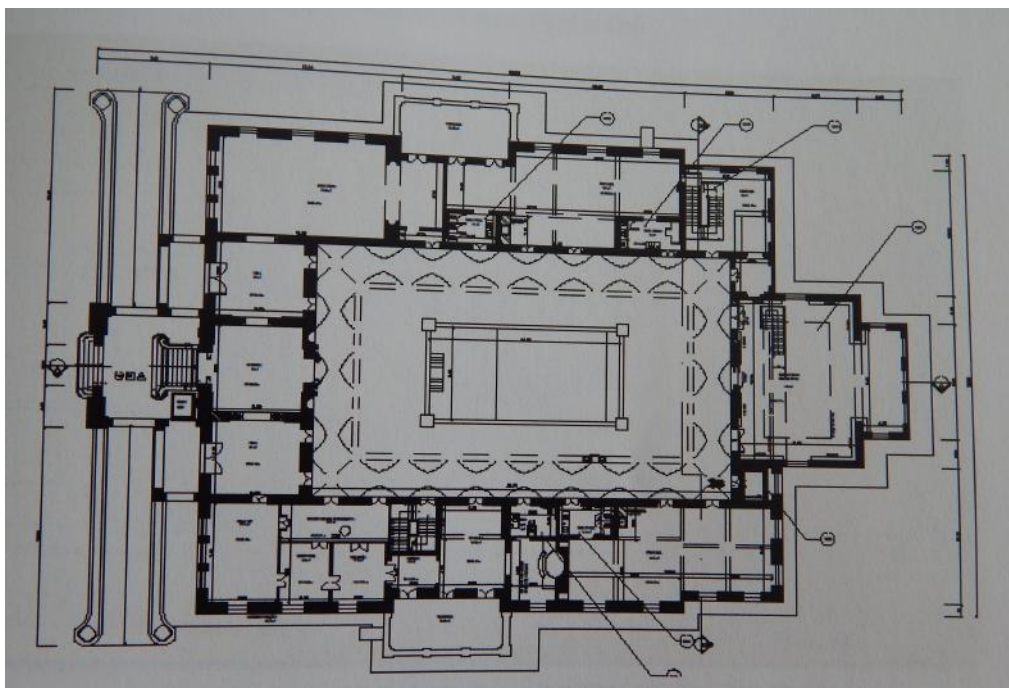
¹⁴ Rua do Russel, Edifício Ipú, Glória, Rio de Janeiro.



IL.7 Túmulos. Fonte: Catálogo Rio Art Decó, Centro Cultural Caixa Econômica, 2010.

Em sua tese de doutorado intitulada “Cultura arquitetônica italiana na construção de residências em Porto Alegre: 1892-1930” defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Renato Menegotto aponta que Riccardo Buffa veio residir no Rio de Janeiro por conta de um projeto para o concurso do palácio da justiça. E assim alcançou um grande prestígio e contratos de construções para a cidade e o país. Entre elas, o Theatro São José, a Residência de Paulo Pires Sá, pequenas casas na Rua Diniz Cordeiro, assim como algumas reformas em Igrejas no bairro da Tijuca. Ao que tudo indica Buffa, tem mais indícios de ser o real arquiteto do Parque Lage.

5 ESTUDO DA ARQUITETURA DO CASARÃO DO PARQUE LAGE



IL8. Planta Baixa Fonte HERMES, Maria Helena da Fonseca. 2012. p.469

A princípio, o pesquisador que inicie uma pesquisa referente à arquitetura do Palacete do Parque Lage, logo se depara com o termo ‘ecclético’, assim como ‘Casarão Romano’. Estes são, portanto, dois termos que acabam por designar a arquitetura do casarão.

Observando a planta baixa (IL.8), vemos que o casarão possui apenas um andar, construído sobre o porão, e acima destes um amplo terraço. Muitos denominam como casarão Romano, justamente por ser um casarão cujo pátio central possui arcadas, que formam varandas contínuas, e uma grande piscina em destaque.

No site da Escola de Artes Visuais do Parque Lage se encontra a seguinte frase : “Para agradar a artista, manda construir uma réplica perfeita de um ‘palazzo romano’, e reformula parte do projeto paisagístico”. (anexo 2) Sem saber de onde provém tal afirmação, apenas faço uso dela para tentar entender a informação disponível aos interessados que fazem uma pesquisa. Afinal o site é uma fonte de informação internacional. Muitos podem fazer uso do mesmo para procurar dados sobre a instituição física. A partir deste momento, começo a me perguntar: o que seria uma “Réplica Perfeita”. Ao procurar mais informações a respeito, percebo que muitos sites de informação possuem textos semelhantes a estes, definindo o casarão como uma réplica. No entanto, não existem informações sobre qual seria tal *palazzo*, do qual o Parque Lage haveria de ser uma réplica.

Talvez este termo seja forte demais para explicar a origem do casarão, principalmente quando se trata de um objeto arquitetônico. Em relação ao termo “Romano” citado anteriormente, posso dizer que as características que o palacete possui como “Arcada” e “pátio interior” não fazem dele Romano. Até porque quase todas as construções ocidentais que seguem a tradição romana possuem estas características. Por outro lado, como os indícios institucionais e históricos procuram definir o casarão como “romano”, seria mais adequado incluí-lo na denominação de “Villa”, termo de origem romana, atribuído às residências de classe alta, que é citado superficialmente no roteiro de mediação.



IL.9 Villa Urbana http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Schema_Portikusvilla.jpg

Como exemplo a imagem de Villa Urbana (IL.9) que é um protótipo de villas Urbanas sofisticada, muito semelhante a fachada principal do casarão em destaque.

No início da pesquisa, um fato relevante foi a definição que geralmente era dada pelo público espontâneo do Parque Lage. Para a maior parte deles, o casarão seria de fato, um exemplo de estilo Neoclássico. Talvez esta seja a primeira impressão que o casarão causa aos visitantes.

E acredito que a junção entre um casarão eclético e o estilo Neoclássico, é o que causa justamente esta definição de ecletismo.

A referência entre Neoclássico e ecletismo já fora feito antes por Patrícia Vasconcelos, e neste caso a autora diz:

O ensino rigorosamente clássico da Academia de belas artes fez com que o estilo neoclássico predominasse no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XIX. Após a morte do mestre Grandjean de Montigny, em 1850, a arquitetura continuou orientada para o neoclassicismo por cerca de 20 anos. Porém, diante das possibilidades formais apresentadas pela arquitetura européia, os arquitetos passaram a buscar soluções estéticas num espectro mais amplo e a arquitetura brasileira evoluiu para o ecletismo, mantendo o neoclassicismo como uma de suas fortes correntes. (VASCONCELOS, 2002 p. 57-59)

O que podemos perceber é que o estilo neoclássico foi um grande componente do estilo eclético. E talvez sua influência tenha deixado uma marca, que faça com que o estilo eclético seja confundido com o estilo neoclássico.

5.1 O CASTELO DE SANTA CATARINA



IL.10 Castelo da residência do Henrique Lage, em Santa Catarina. Fonte: <http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/pagina4367/lauro-muller> . Acessado em: Out.2014.

Conversar com os visitantes acaba sendo um ato que pode beneficiar um historiador. Certa vez, um visitante proveniente de Santa Catarina, durante a conversa de mediação, forneceu a informação que Santa Catarina também possui um palacete (IL.10) cujo dono seria o Sr. Henrique Lage, e que sua história era a mesma: "construiu para sua amada Gabriela".¹⁵

Durante esta pesquisa logo me deparei com um castelo construído em 1919 (IL.11). Algumas pesquisas se referem à morada como “uma réplica de um castelo suíço”.

Aqui surge a mesma questão do palacete do Rio de Janeiro, acredito que haja uma inspiração em castelos suíços, assim como o casarão carioca, foi inspirado em vilas Italianas. Acredito que seja necessária uma revisão de algumas escritas sem autoria aparente que tendem a afirmar que Henrique Lage, executava réplicas arquitetônicas em suas casas brasileiras.

¹⁵ Henrique havia sido responsável pelo desenvolvimento da siderurgia e da exploração do carvão no Estado de Santa Catarina, não havia dúvidas da veracidade das palavras deste visitante. Entrei em contato por e-mail com algumas cidades de Santa Catarina, até obter informações sobre a cidade de Lauro Muller, onde Henrique Lage participou do processo de extração do carvão. A cidade conta com um busto e uma praça, denominada Henrique Lage

Ao contrário do que afirmam alguns autores, acredito que esta propriedade não seja construída especialmente para Gabriela. Pois a mesma, segundo as pesquisas preliminares foi construída em 1919 e o casamento havia acontecido em 1925.¹⁶



IL. 11 Castelo De Lauro Muler. Fonte: <http://miltonlaenearaujo.blogspot.com.br/2013/08/o-castelo-de-lauro-muller-sc-brasil.html>

A construção de Santa Catarina é uma residência¹⁷ principal, possui mirante em forma de torre, terraço, coreto, jardins, lago e pomar. Durante um tempo foi uma pousada, sendo ícone da cidade.

¹⁶ Esta casa logo não possui a mesma história amorosa que conta o palacete carioca.

¹⁷ Durante anos o castelo serviu de moradia, ficou fechado por um bom tempo, até que em 1994 começou a ser restaurado. Atualmente pertence ao Grupo Salvaro¹⁷. O local é tombado pela Fundação Catarinense de Cultura (P.T. nº: 078/93) sob a definição: Castelo de Lauro Müller - Rua Amâncio Lima da Luz, s/n Decreto nº 2.993 de 25 de junho de 1998. (Fonte: <http://www.fcc.sc.gov.br/pagina/5009/benstombados>

5.2 O PALACETE DO PARQUE LAGE E O PALACIO DIOCLECIANO



IL.12 Palácio Diocleciano. Fonte: <http://serturista.com/croacia/palacio-de-diocleciano-de-estilo-romano/attachment/palaciodiocleciano1/> Acessado em: Out.2014.

A palavra “réplica” foi encontrada nas pesquisas preliminares, se referindo ao palacete do Sr. Lage. Logo começo a me utilizar desta informação para tentar encontrar alguma resposta, procurando outras construções com características semelhantes.

Durante a pesquisa foi possível perceber semelhanças entre o palácio Diocleciano como referência para inspiração ao Palacete do Rio de Janeiro, não como uma réplica, mas sim como uma inspiração de trabalho arquitetônico. O Palácio Diocleciano ¹⁸(IL.12), cujas Arcadas, Peristilo, e Pátio interno se assemelham ao Parque Lage (IL.13).

O Palácio Diocleciano é um:

Palácio que representa o exemplo mais valioso da arquitetura romana na costa oriental do Adriático. Sua forma e o arranjo dos edificios dentro do palácio representam um estilo de transição de Villa imperial, cidade helenística e acampamento romano. (...) a área central ao ar livre do palácio, possui seus lados longitudinais rodeados por uma colunata arqueada. (<http://whc.unesco.org/en/list/97>)

¹⁸

O palácio é um dos edificios arquitetônicos e culturais mais famosos e integrais na costa adriática da Croácia, construído entre o terceiro quarto século DC



IL.13 Pátio Interno do Parque Lage. Fonte da autora, 2014.

O que aproxima ambas as mansões são suas características, que ao primeiro olhar se assemelham a uma construção romana.

A primeira semelhança que haveria entre os dois palácios é justamente a primeira questão discutida neste trabalho, as definições atribuídas aos palacetes.

Sabe-se que nos últimos anos de sua vida, quando aí residiu, Diocleciano abdicara, e era portanto um simples cidadão. Mais apropriada do que “palácio”¹⁹ é a denominação de villa²⁰, que já consta nas fontes contemporâneas à construção.

Vemos que outros palácios passam pela mesma confusão que o Parque Lage, Villas que são denominadas como Palácios muitas vezes designados como Romanos.

Ambos são patrimônios preservados, e de grande importância histórica, cada uma dentro das normas de seu País.

A área protegida em que se encontra a Villa possui igrejas de estilo românico, fortificações medievais, palácios góticos do século XV e outros palácios em estilo renascentista e barroco. O Palácio foi construído no século III, alguns artigos dizem que este conjunto da arquitetura possui as transformações artísticas que anunciam o fim do "classicismo imperial" e o início de um novo espírito arquitetônico: O "barroco", que terá continuidade na Idade Média e do Renascimento.

¹⁹ Palácio é um edifício geralmente destinado a habitação de um chefe de estado ou governo.

²⁰ Vila, em latim Villa, na Roma antiga, era originalmente uma moradia rural, cujas edificações fazem parte de uma residência agrícola. Geralmente é formada por peristilo e planta linear.

Outra semelhança é a ornamentação encontrada no teto. Acredito que ainda possa haver outras semelhanças.



IL. 14 Teto Palácio Dioclesiano. Fonte: http://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g295370-d317704-r171962495-Diocletian_s_Palace-Split_Split_Dalmatia_County_Dalmatia.html#photos



IL.15 Teto Parque Lage. Foto da Autora.

Agora sabemos que o casarão do Parque Lage e a Villa Diocleciano, possuem algumas semelhanças, em suas características arquitetônicas e em suas fundações patrimoniais, no entanto não há nenhum dado que comprove que o Casarão da família Lage seja uma réplica, tão pouco uma inspiração da Villa Diocleciano.

Provavelmente, “a villa” do Parque Lage não é uma “réplica”. Tampouco pode ser definida pura e simplesmente como Romana. Devemos atribuir a denominação de Villa, como melhor apropriação. No entanto, podemos utilizar o termo “Eclético” para designar a arquitetura do Casarão?

5.3 ECLETISMO CARIOCA E O ECLETISMO DO CASARÃO DO PARQUE

No V Encontro de História da Arte do IFCH da Unicamp, Renato Menezes Ramos apresentou o trabalho "O exotismo na Arquitetura Eclética do Rio de Janeiro."

Este trabalho teve como objetivo "analisar a arquitetura eclética a partir da reflexão acerca das definições dúbias na história da arte, no que diz respeito a sua classificação como gosto ou estilo". Renato Menezes faz referências à estética visual que apresenta a sensação de 'inusitada' a partir dos ornamentos exóticos presentes no ecletismo carioca. O autor afirma um diferencial que foi elaborado pelo estilo, sendo assim uma revisão do passado, e um projeto para o futuro. Enumero a seguir as características que o autor vincula ao ecletismo:

- O pitoresco (ou pictórico), inspirado nas pinturas de paisagens exóticas e líricas;
- O ruïnismo, que reproduzia, em jardins, grandes campos destruídos através dos tempos, formando verdadeiros cenários arquitetônicos, e em pinturas, grandes campos arqueológicos;
- A tecnologia fotográfica, que fez o mundo conhecer, com maior fidelidade que a gravura, sua outra face, permitindo um contato mesmo que indireto entre culturas muito diferentes;
- O industrialismo, que através de grandes estruturas metálicas pré-fabricadas e padronizadas, permitiu a abertura de grandes vãos, adaptando a arquitetura aos ambientes da vida moderna, como as fábricas, ferrovias e os grandes salões de exposição;
- O Estilo Vitoriano, surgido na Inglaterra neocolonizadora, que utilizava em sua decoração, madeiras de origens exóticas como mogno e jacarandá, e objetos como candelabros, porcelanas, tapetes de origens orientais conferindo aspecto ancestral à atmosfera do ambiente;
- As reformas urbanísticas, baseadas no conceito de Urbanismo Monumental, ocorridas inicialmente em Paris promovida pelo Barão Haussman, (entre 1852 e 1870) Inspirando diversas outras, inclusive a do Rio de Janeiro. Todas sob o preceito da modernização da malha urbana a fim de adaptá-la aos novos padrões de vida. (RAMOS, 2009, p.348)

Para o autor a arquitetura eclética é caracterizada pela presença de fantasia nos ornamentos de suas edificações mesclados a elementos tradicionais de estilos classicizantes.

O autor cita uma passagem que acredito que se encaixa perfeitamente na construção que estamos analisando, ao falar dos estilos exóticos para uma arquitetura "relacionada aos momentos de prazer e ócio da vida cotidiana." (COSTA, 2003 p.105, apud Ramos 2009, p.349)

Ao fazer referências ao casarão da família Lage Renato diz que este é um

[...] típico exemplar da arquitetura residencial burguesa do início do século XX. Possui em sua arquitetura a predominância clássica sob a influência dos estilos das vilas e palácios italianos. (RAMOS, 2009, p.350)

E menciona ainda seus "pormenores decorativos, elementos de tendência orientalizante: mecanismo utilizado para particularizar a arquitetura, tornando-a fora do comum." (RAMOS, Renato, 2009, p.350)

Ao tratar do ecletismo, o autor apresenta duas vertentes na classificação do estilo de ecletismo:

Aponta-se um Ecletismo Tipológico quando a tendência [...] se baseia na adoção prévia de um estilo como código, correspondente à função que exerce. Já o Ecletismo Sincrético, Pastiche Compositivo, ou simplesmente Pastiche, é adepto da reutilização daquilo que há de melhor na produção dos grandes mestres da arquitetura universal, desvinculando suas características formais da funcionalidade autóctone. (RAMOS, p.351. 2009)

O autor coloca estes dois pontos para em seguida se perguntar em qual dos ecletismos se enquadraria o Parque Lage. No entanto, o mesmo responde a tal indagação afirmando que:

A Mansão dos Lage se configura em uma ideia ampla de pastiche, o qual não copia um exemplar, mas é produzido mais um edifício com o mesmo repertório. Neste caso é claro o estilo italiano empregado. O diferencial é a introdução de elementos exóticos para produzir efeito de arquitetura particular. (RAMOS, Renato, 2009, p.351.)

Renato também escreve sobre, a Arquitetura Eclética Egípcizante no Rio de Janeiro, e acredita que a 'apropriação de seus elementos egípcios na arquitetura eclética se justifica através do gosto pelo desconhecido'. Assim sendo para ele a arquitetura eclética se apropria do Egito, com o propósito de executar um vocabulário exótico que "...passou a consistir uma linguagem rara como tipologia de gosto eclético".



IL.16 Esfinge Alada. Fonte: Foto da autora, 2014.

Sobre o ornamento do Lage (IL.16) o mesmo afirma:

Este edifício inclui alguns elementos de origem orientalizante, entre estes elementos está uma esfinge alada, feita de cimento provavelmente sob forma, visto que há dois exemplares idênticos colocados no ladeamento das escadas que dão acesso à parte superior do terraço.[...]um colar de contas caído pelo pescoço alcançando o tórax meio leonino, meio feminino. Interessante também é a representação da peruca com um corte de cabelo na altura dos ombros dos quais partem longas asas. Normalmente, as esfinges eram adornadas, na cabeça, por uraeus, e não por perucas, nem mesmo eram aladas. Outro aspecto interessante é o fato de estarem deslocadas de sua função inicial: guarnecer os templos, sendo utilizadas aqui como elementos decorativos. (RAMOS, 2009,p.446,447)

A afirmação acima, demonstra o quanto os ornamentos decorativos, possuem o objetivo de deixar a arquitetura com características particulares, quando se trata de ecletismo.

Essa busca simultânea pelo passado e pelo novo pode causar uma confusão de imediato nos visitantes. No entanto isso pode ser esclarecido.

A mansão residencial burguesa da família Lage, à primeira vista possui uma arquitetura que foi influenciada pelos estilos das villas e palácios italianos. Entretanto o que faz o casarão ser uma arquitetura diferenciada são justamente seus pormenores decorativos.

E são estes pormenores que ajudam na classificação do casarão da família Lage, como Eclético.

5.4 O ECLETISMO, E SEUS ORNAMENTOS NO CASARÃO DO PARQUE LAGE.

Como pudemos observar, o ecletismo do casarão tem sua característica enfatizada pelos seus pormenores e elementos característicos da arquitetura. É com base nas definições dadas por Almir Paredes, que iremos procurar uma definição mais coerente com os ornamentos encontrados no casarão estudado nesta pesquisa. Faço uso das palavras do autor, para a elaboração de tais definições:



Abóbada:

“Cobertura curva, em alvenaria, derivada de uma ou mais superfícies cilíndricas. Abóbada de arestas, formada pelo cruzamento de duas abóbadas de berço de mesmo diâmetro cujo eixo longitudinais são perpendiculares, dando origem a arestas salientes.”

IL.17 Abóbada. Fonte: Foto da Autora, 2014



Capitel:

Personalizado que não se encaixa nos requisitos dos gregos, tampouco romanos. Seus motivos decorativos, não caracterizam nenhum estilo.

IL.18 Capitel. Fonte: Foto da Autora, 2014



Festão:

“Ornamento constituído por entrelaçados de frutos, de flores e folhagens.”

IL.19 Ornamento. Fonte: Foto da Autora, 2014



Mascarão:

“Ornato em forma de cara ou máscara, às vezes com os traços fisionômicos distorcidos.”

IL. 20 Mascarão. Fonte: Foto da Autora, 2014



Compósita :

“Uma das ordens Arquitetônicas Romanas, constituída pela mistura de elementos das ordens Jônica e coríntias volutas associadas às folhas de acanto.”

IL.21Compósita. Fonte: Foto da Autora, 2014



Caixotão:

“Cavidade, geralmente poligonal e contornada por molduras, situada entre o madeiramento de sustentação dos tetos ou, mais raramente, entre as nervuras das abóbadas.”

IL.22 Caixotão. Fonte: Foto da Autora, 2014



Zoomorfo:

“Com forma de animal. Diz-se dos ornamentos baseados na estilização dos diversos animais.”

IL.23 Zoomorfo. Fonte: Foto da Autora, 2014



Esfinge:

“Figura Quimérica com corpo de leão e cabeça e busto humanos. Na mitologia grega, apresentava o busto feminino com asas e matava os viajantes quando não decifravam o enigma que ela lhes propunha.”

IL.24 Esfinge. Fonte: Foto da Autora, 2014



Arcada:

“Conjunto de vãos, na forma de arcos em sequência, sustentado por uma série de colunas ou pilares.”

IL.25 Arcada. Fonte: Foto da Autora, 2014



Mísula:

“Peça saliente de parede, de caráter escultórico, que serve para sustentar elementos arquitetônicos ou apenas decorativos(...)”

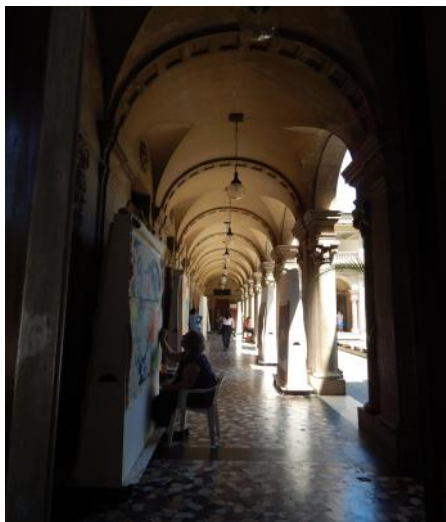
IL.26 Mísula. Fonte: Foto da Autora, 2014



Peristilo:

“A palavra significa “colunas no perímetro”. O termo serve para designar um corredor sustentando por colunas em um edifício ou pátio. Nas casas gregas e romanas, o termo denomina o pátio ajardinado contornado por corredor com colunas.”

IL. 27 Peristilo. Fonte: Foto da Autora, 2014



IL. 28 Loggia. Fonte: Foto da Autora, 2014

Loggia:

“Termo Italiano para designar um aposento aberto para o exterior por meio de colunata ou arcada.”



Arco:

“Porção limitada ou segmento de uma curva. Em arquitetura é uma peça curva, em tijolo, madeira ou pedra de cantaria usada para vencer vãos arquitetônicos, formando aberturas, como portas, janelas ou coberturas curvas.”

Arco pleno:

“Aquele formado por um segmento de circunferência cuja a extensão é de 180°, isto é uma semicircunferência.”

Este arco segundo o autor é uma característica da arquitetura Romana.

IL.29 Arco. Fonte: Foto da Autora, 2014



IL.30 Balaústre. Fonte: Foto da Autora, 2014

Balaústre:

“pequena coluna de perfil sinuoso e torneado em materiais variados como, por exemplo, madeira, metal ou pedra. Ele serve como elemento decorativo ou de sustentação, geralmente junto com outros iguais e regularmente distribuídos formando uma balaustrada.”



Inclusão:

“Diz-se, em composição artística, de qualquer motivo ornamental situado dentro de uma forma que o circunscreve, geralmente uma figura geométrica.”

IL.31 Inclusão. Fonte: Foto da Autora, 2014

Os ornamentos que estão presentes na arquitetura do Parque Lage auxiliam na definição do termo eclético. Concluimos então, que a iconografia que está presente nos ornamentos do Parque Lage é a grande responsável pela imagem que o mesmo possui, seja na definição construída pela história, seja pela imagem obtida pelos seus visitantes.

5.5.1 Observações sobre o estilo neocolonial e o conceito de Aby Warburg sobre o tempo da imagem



IL.32 UFRRJ. Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6b/Rural.jpg>

Após a observação sobre a estrutura visual do casarão, de alguma maneira a imagem que os visitantes vêem, faz com que os mesmos o definam como Neocolonial ou Neoclássico

Até agora podemos observar que o Neoclássico definido pelos visitantes do casarão da família Lage, pode ser compreendido como algo incluído no Ecletismo, tornando-se uma justificativa, para a definição dada pelo público.

Uma porcentagem menor do público do Parque Lage, definiu seu estilo como “Neocolonial” (IL.32), um equívoco. Pois o casarão em destaque, não possui características desta tendência. Na verdade, o estilo Neocolonial do início do século XX, pode ser mesmo compreendido como uma forma de reação contra o ecletismo. Este fato justamente afasta qualquer hipótese de semelhança. Pois o Neocolonial busca recriar características históricas brasileiras, e passou a ter visibilidade a partir da exposição do centenário da independência em 1922.

Ruth Levy (2004), em sua tese de doutorado faz um panorama sobre o meio arquitetônico carioca do início dos anos 20, tomando como ponto de partida a Exposição do Centenário, vista como um evento essencial para marcar a transição entre o ecletismo e a modernidade na arquitetura da cidade.

Após afirmar que no século XIX o ecletismo foi praticado com entusiasmo, a autora afirma que:

O neocolonial não era visto como um estilo que tivesse fim em si mesmo, mas como uma busca de elementos fundamentais para a formação de algo novo, independente da denominação, valorizando-se a essência. (LEVY, Ruth; p. 41)

Ou seja, os defensores do Neocolonial tinham consciência de que essa tendência representava uma transição para algo novo que viria a seguir. Para ela "essa consciência da transição aproxima o neocolonial do ecletismo." (Ruth; p. 41)

A história do Parque Lage, estará viva em cada parte do casarão, e apesar de muitos contemporâneos não terem vivido na década de 1920, podem usar sua imaginação para ter uma ideia e as sensações desse passado quando em contato com o palacete. O historiador da arte Aby Warburg (1866-1929) relata que o tempo da imagem não é o tempo da história geral (WARBURG, apud DIDI-HUBERMAN). Acredito que esta afirmação se encaixa nos parâmetros relacionados aqui.

Pois o público observa o Parque Lage como parte da história geral, procurando fazer relações, algumas vezes surgem perguntas como “qual a importância do Henrique para o Brasil? Ele foi um homem importante?” “Há alguma relação da casa com nosso país?”

E apesar de Henrique Lage ter sido um grande armador brasileiro, responsável por uma grande empresa de navegação, a casa em si, não possui uma ligação política e comercial. Era uma propriedade privada, que não servia ao público ou aos cidadãos do Rio de Janeiro, durante a vida de seus proprietários.

Segundo Warburg, quando o historiador da arte procura identificar a iconografia presente em uma obra, em nosso caso uma obra arquitetônica, nunca o faz como um fim em si, mas procura identificar um conteúdo e suas fontes, configurando um problema histórico e étnico. Para Warburg o símbolo e a imagem possuem uma idéia de experiência emotiva que sobrevêm como herança transmitida pela memória social, onde o indivíduo cria uma relação de “vontade seletiva” de uma época determinada. (WARBURG, apud DIDI-HUBERMAN)

Diante desta afirmação podemos fazer uma relação com a experiência dos visitantes do Parque Lage. Acredito que a memória social dos visitantes, em contato com a iconografia do Parque Lage possa desenvolver a “vontade seletiva” de maneira que procurem por uma iconografia cuja memória seja relevante nesta definição. Como o Brasil colonial é um ícone importante na história dos brasileiros, acaba sendo algo que permanece presente na memória social, histórica e étnica.

Acredito portanto, que a sociedade brasileira possui uma memória seletiva, como aponta Warburg. O público apesar da capacidade de sentidos, interpretação, e reconhecimento, acaba não fazendo uma leitura visual detalhada. Seu olhar não apurado é induzido pela própria memória, dificultando a leitura das imagens.

Os Ornamentos que estão presentes na arquitetura do Parque Lage auxiliam na definição do termo eclético. Os mesmos também são responsáveis pela imagem de “neoclássico” cuja fama acaba por introduzir a definição adotada pelo visitante. De fato algumas imagens podem ser características de uma arquitetura neoclássica, sua grandiosidade como um todo, por exemplo, causa um grande encanto no observador. De tal maneira que seu deslumbramento, ajuda a passar despercebidos pequenos detalhes e ornamentos, que ajudariam a caracterizar o estilo do casarão. E o visitante o define apenas por uma imagem rapidamente vista no deslumbre do primeiro olhar.

O indivíduo cria uma relação de vontade seletiva de uma determinada época, pela qual acredito parte dos brasileiros possuem esta expectativa de que a maior parte dos pontos históricos e turísticos tenham uma relação com o “Brasil colonial”.

A maior parte dos visitantes que chegam ao Lage procura defini-lo como Neoclássico. No entanto ao final da visitação do parque perguntam se o mesmo é do período “neocolonial”. Acredito que os visitantes possam dar esta definição após o contato com a cavalaria e com a

lavanderia dos escravos, estes sim, prédios provenientes do período em que o parque era um engenho de açúcar. Logo este parecer não se encaixa no casarão, e sim em seus edifícios ao redor da propriedade. Retirando assim qualquer hipótese do casarão ser um edifício Neocolonial.

Concluimos então, que a iconografia que está presente nos ornamentos do Parque Lage é a grande responsável pela imagem que o mesmo possui, seja na definição construída pela história, seja pela imagem obtida por seus visitantes.

6 RESTAURAÇÃO E MODERNIZAÇÃO

Atualmente o Parque Lage possui um projeto de restauração que promete uma nova estrutura. A proposta inicial é justamente a recuperação do aspecto original do prédio principal e das cavalariças, mas simultaneamente será feita uma modernização dos acessos. O projeto elaborado pelo arquiteto Francisco Hue, prevê uma nova “circulação entre os ambientes, permitindo o acesso a todos os pavimentos e um espraçamento do uso dos espaços” relata Claudia Saldanha, antiga Diretora do Parque Lage. (<http://revistaportfolioeav.rj.gov.br/edicoes/02/?p=658> Acessado Nov/2014). Portanto e conforme ressalta Claudia, os objetivos são sua restauração e modernização.

O projeto conta com o patrocínio do Itaú Cultural cujo diretor, Eduardo Saron, relata os motivos pelos quais a fundação investe neste projeto:

O Itaú lança um olhar especial em projetos de organizações e instituições de todo o país que geram legado para a cultura brasileira e garantem a perenidade de seu patrimônio cultural. É nesses projetos que a instituição investe. O Parque Lage está perfeitamente enquadrado neste perfil, já que é um dos mais importantes centros de formação e reflexão de artes visuais do país e, olhando para esta questão do legado, foi definitivo para uma geração de artistas. O Itaú Cultural acredita fortemente no valor dessa instituição e é por isso que estamos absolutamente dedicados a apoiar a renovação, o crescimento, a recuperação e a transformação da EAV.

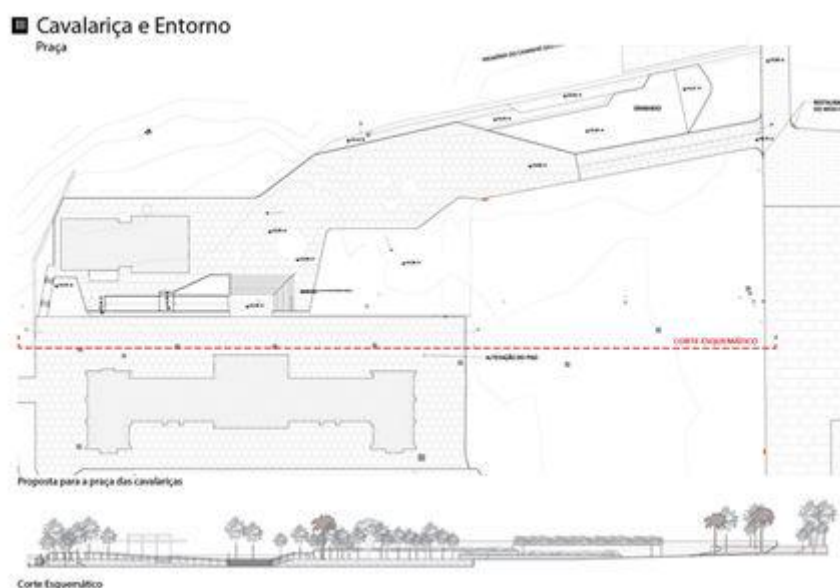
(<http://revistaportfolioeav.rj.gov.br/edicoes/02/?p=658> Acessado Nov/2014).

Este projeto está em andamento, a um passo para ser aprovado pelo IPHAN e começar a ser executado. A modernização prevista, no entanto, deve evitar o risco de desestruturar o estilo original. Um estilo moderno será inserido na arquitetura eclética do casarão, que terá a partir de então, mais um motivo para ser denominado eclético, numa contextualização diferente. Muitos admiradores dos estilos históricos, podem não aprovar esta mudança brusca, pois para muitos será uma agressão ao edifício.

Vejamos a seguir o projeto, e algumas alterações que serão feitas no casarão: Começaremos a perceber as mudanças que serão feitas na cavalariça (IL.33) que terá agora uma praça (IL.34) em seu entorno. As mudanças serão inclusive feitas nos pisos.



IL.33 Cavalariças Fonte: Foto da autora, 2014



IL.34 Projeto cavalaria Fonte: <http://www.franciscohue.com.br/projetos/institucional/eav.php>,
Acessado em Out/2014

Uma das reclamações mais frequentes no Parque Lage, mais especificamente no casarão, era sua falta de acessibilidade para cadeirantes, carrinhos de bebê, etc.

Respondendo a essas reclamações e sugestões dos visitantes, o projeto conta com a elaboração de um elevador (IL.35) ao lado do edifício central, que irá oferecer suporte para aqueles que possuem dificuldade de locomoção, ou similares, na entrada do palacete.



IL. 35 Elevador Fonte: <http://www.franciscohue.com.br/projetos/institucional/eav.php> Acessado Out/2014

■ Cavalaria e Entorno
Praça



IL.36 Novo Projeto.

Fonte: <http://www.franciscohue.com.br/projetos/institucional/eav.php> Acessado em Out/2014

Ao que tudo indica, as mudanças que serão feitas no Parque Lage reforçam de maneira geral, a principal característica da arquitetura: ser funcional. O projeto (IL.36), não somente pretende restaurar, por necessidade de conservação, como também modernizá-lo, para melhor benefício dos visitantes e funcionários. Neste sentido, serão construídos o elevador, que vai atender todos os públicos; um bistrô que fornecerá conforto aos visitantes; novas salas para a escola EAV; e um novo edifício anexado especialmente para funcionários e administração. Assim serão atendidas as carências que existem no prédio que atualmente suporta a EAV, tornando-o mais funcional para um público definido como turistas, visitantes, etc.

Apesar de todas essas necessidades serem atendidas com o novo projeto a partir de 2015, para parte do público, o casarão e o parque todo estarão sofrendo uma agressão considerável. O risco é a descaracterização do edifício como histórico. Será possível, após a reforma, classificá-lo como um casarão original da época? Nos parece que a partir deste momento, o seu ecletismo estará ganhando espaço, incluindo elementos contemporâneos.

6.1 A INTERVENÇÃO MODERNA EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS

Intervenções feitas em edifícios históricos exigem muito estudo. Até por que tais intervenções são executadas a partir de restauro e conservação.

É preciso analisar se a intervenção proposta possui um projeto que inclui restaurar o que é necessário, mantendo a origem do monumento. E se a intervenção não desestrutura o trabalho do projeto inicial.

Alguns critérios são essenciais para a elaboração de tais mudanças. E muitos deles se encaixam no caso do casarão do Parque Lage.

Geralmente esta intervenção é feita em um patrimônio cultural dotado de significados, e representações. Alguns edifícios necessitam de adequação de novos espaços e novas instalações. É relevante a definição de materiais e técnicas compatíveis com a estrutura do edifício. Assim como a preservação da memória.

Como relata a Carta de Veneza²¹(anexo 3), é necessário que haja uma conscientização por parte da humanidade que auxilie nos principais conceitos relativos a preservação e restauração dos edifícios antigos.

²¹ Carta de Veneza: carta internacional sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios 1964. Disponível em : <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>

O Artigo 5º diz que:

A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela adaptação a uma função útil à sociedade: esta afectação é pois desejável mas não pode nem deve alterar a disposição e a decoração dos edifícios.

Neste caso é necessário avaliar se o projeto não irá interferir de maneira inadequada no edifício e se não irá modificar a estrutura original, pois caso isso aconteça estará quebrando assim um requisito pré-estabelecido pela carta de Veneza.

Em outra parte do mesmo artigo é descrito “(...) é assim dentro destes limites que se devem conceber e que se podem autorizar as adaptações necessárias exigidas pela revolução dos usos e dos costumes.”

Se formos analisar sob este aspecto, essas mudanças são necessárias. O edifício abriga atualmente uma escola de artes visuais, além de ser um dos pontos turísticos mais requisitados da cidade. Portanto, um prédio que auxilie e ofereça suporte para administração é necessário, assim como interferências que auxiliem portadores de necessidades especiais, cadeirantes, etc. Neste caso esta mudança é necessária e se adequa ao momento de evolução dos costumes.

A solução desta problemática é um projeto que mantenha o perfil da estrutura arquitetônica da casa. Algo que enfatize o ecletismo e a Villa italiana, complementando apenas a estrutura funcional.

Ao mesclar o estilo das Vilas Romanas, o ecletismo, e a arquitetura contemporânea de certa forma este novo projeto estará dando origem a um novo ecletismo.

CONCLUSÃO

A principal problemática deste trabalho foi constituída a partir de informações dadas por textos de autoria desconhecida divulgados pela instituição, e disponíveis na internet. Muitas vezes estas informações são utilizadas como fonte de pesquisa. É importante que sejam analisadas com cautela. Um exemplo disto, é como as pesquisas relacionadas a arquitetura das casas de Henrique Lage, costumam abusar da palavra “réplica”. Essa referência a réplicas foi encontrada em informações a respeito do casarão do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, e do castelo em Lauro Muler, Santa Catarina. Ambas possuem a descrição de serem uma réplica perfeita de arquitetura de palácio e castelo internacional.

Apesar da possibilidade de talvez, existirem algumas Villas Romanas que se assemelham ao Parque Lage, nenhuma possui características tão semelhantes a ponto de poder ter servido de modelo a uma réplica, nem mesmo o citado palácio Diocleciano.

Outra problemática é o fato de visitantes do casarão do Rio de Janeiro muitas vezes não se contentarem com o estilo arquitetônico atribuído ao palacete. Muitos atribuem à casa, o estilo neoclássico e neocolonial.

No caso do estilo Neoclássico, foi considerado o estudo que relata esta tendência como sendo predominante no Rio de Janeiro no início do século XIX. Assim contribuindo para evolução arquitetônica, chegando ao ecletismo. Durante este período houve uma mistura entre o Neoclassicismo e ecletismo. Esse seria um motivo que justificaria o estilo dado pelos visitantes do casarão.

O neocolonial, de acordo com a autora Ruth Levy, foi visto como uma busca fundamental de elementos de algo novo. Assim Por se pensar como um estilo de transição, o neocolonial se aproximaria do ecletismo. Estes fatos ajudam a esclarecer, o olhar do visitante sobre o estilo do casarão. Assim como a compreensão de que esse olhar está impregnado de dados sobre a história geral do país que interferem em suas interpretações.

Após analisar seus pormenores, podemos definir o estilo do palacete como eclético, pois não é originário de apenas um estilo. Vejamos que alguns ornamentos são de origem romana, no entanto isto não faz dele um palácio romano. De fato, sua estética exterior e o pátio central possuem uma tendência que o aproxima de uma Villa Romana, que costumava ser uma moradia rural, com dependências para os escravos. No período em que a residência foi de Henrique Lage, não possuía escravos, e sua fazenda já estava praticamente desfeita. No entanto se unirmos a idéia de Engenho de açúcar, lavanderia dos escravos, cavalaria, e todos

estes edifícios dispostos no terreno, podemos pensar que o modelo dessa residência seja uma moradia rural, o que auxilia na denominação de Vila.

Porém o estudo da iconografia dos ornamentos do palacete nos permite identificar seu estilo arquitetônico como eclético. Percebemos que o estilo eclético foi muitas vezes empregado em propriedades privadas, com o intuito de caracterizar a residência com um estilo próprio e único.

A única maneira de esclarecer os visitantes é atribuindo valor particular para cada questão. Quanto ao estilo do casarão é importante ressaltar que o mesmo foi uma residência privada, e logo possui características particulares fazendo uso de diversos estilos simultaneamente. Construída para lembrar a terra natal de Gabriela, a Itália, as Vilas Romanas serviram de inspiração ao arquiteto. Foram executados pormenores característicos de vários estilos, e estes são essenciais para atribuição de particularidade à residência.

Com o processo de tombamento do parque e seu projeto de restauração, podemos perceber que as lutas pela conservação da história em edifícios públicos são constantes, vem de uma longa caminhada, e devem permanecer para evitar futuras agressões a edifícios históricos. O Casarão do Parque Lage, como uma residência encomendada, possui estilo eclético que favorece a construção de caráter único, particular, diferenciado, amalgamando características próprias de diversos estilos. Concluímos que o Palacete do Henrique Lage no Rio de Janeiro, apesar de apresentar inspirações em palácios e vilas Italianas, não contém indícios de ser uma réplica perfeita de nenhuma arquitetura internacional, e que a autoria de seu arquiteto seria atribuída a Riccardo Buffa.

Bibliografia

ANDRADE, Rosane Maria Nunes. **Ofício do Historiador Ensino e Pesquisa**. XV Encontro Nacional de História. 2012, Rio de Janeiro.

CUNHA, Almir Paredes; **Dicionário de Artes Plásticas**, VOL. 1; EBA Publicações; 2005.

FABRIS, Annateresa. **Arquitetura eclética no Brasil: centenário da modernização**. Na.Mus.Pau.,1993.

FABRIS, Annateresa. **O ecletismo a luz do modernismo**. 1987 Editora da Universidade de São Paulo

FONTES, Adriana; GAMA, Rita [organizadoras]. **Reflexões e experiências: Coleção arte & tecnologia: Primeiro seminário OI futuro**; Mediação em museus arte e tecnologia. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Oi futuro; livre expressão 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIEDION, Sidfried. **Espaço, tempo e arquitetura**. Martins fontes. 2004

HERMES, Maria Helena da Fonseca. **A arquitetura dos italianos na cidade do Rio de Janeiro; 1890 à 1930**. PPGAV, EBA, UFRJ , V. I e II, Junho 2012.

HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e mudanças na educação**. Projeto de trabalho. Porto alegre: ArtMed, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Coleção arte fissil. 1994, Martins Fontes.

JANSON, H.W. **Historia geral da arte, O mundo antigo e a idade média**: 2.ed.São Paulo Martins fontes, 2001.

LEMO, Carlos. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo.Ed. Melhoramentos. 1979.

LEVY, Ruth. **A Exposição do Centenário e o meio arquitetônico carioca do início dos anos 20**. Rio de Janeiro: Arte & Ensaios, n. 11, EBA-UFRJ, 2004.

PATETA, Luciano. **Ecletismo na arquitetura Brasileira; considerações sobre o ecletismo na Europa**. Nobel Edusp.

RAMOS, Renato Menezes .**A Arquitetura Eclética Egipcizante no Rio de Janeiro**. III semana de pesquisa em artes. UERJ. 2009. Disponível em: http://www.ppgartes.uerj.br/spa/spa3/anais/renato_ramos_444_452.pdf. Acessado em: nov. 2014

RAMOS, Renato Menezes. **O exotismo na arquitetura Eclética do Rio De Janeiro**. V Encontro de Historia da Arte, IFCH/unicamp. 2009. Disponível em : <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2009/RAMOS,%20Renato%20Menezes%20-%20VEHA.pdf>. Acessado em: nov. 2014.

TELLES, Augusto da Silva. **Guia dos bens tombados da cidade do Rio de Janeiro.** Exposição e cultura. p.143-144

VASCONCELOS, Patricia. **Centro Histórico do Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro nos anos prósperos do segundo reinado.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002 p. 57-59

Outras fontes:

A atuação de Henrique Lage (verificar referência)

Material fornecido pela Escola de artes visuais do Parque Lage.

A extravagante, Jornal do Brasil, 1995

Roteiro do Projeto educativo do Parque Lage

IPANEMA, Marcello, Venceu a cidade. Jornal.

Guia da arquitetura Eclética do Rio de Janeiro, ed. Casa da palavra, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

Sites:

<http://www.eavparquelage.rj.gov.br/eavText.asp?sMenu=VISI> Acessado em out/2014

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo357/Ecletismo-> Acessado em out/2014

http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1776 acessado em out/2014

<http://whc.unesco.org/fr/list/97/gallery/> Acessado em Out/2014

http://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_de_Diocleciano Acessado em Out/2014

<http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/pagina/4367/lauro-muller> Acessado em Out/2014

<http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf> Acessado em out/2014

http://www.navioseportos.com.br/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=164:o-falecimento-de-cecilia-lage-e-o-casamento-de-henrique-e-gabriella&catid=54:costeira&Itemid=81 Acessado em Out / 2014

<http://www.fcc.sc.gov.br/pagina/5009/benstombados> Acessado Out / 2014

<http://miltonlaenearaujo.blogspot.com.br/2013/08/o-castelo-de-lauro-muller-sc-brasil.html>

<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>

<http://algargosarte.blogspot.com.br/2014/10/el-palacio-de-diocleciano-en-split.html>

http://www.academia.edu/7251159/Diocletian_s_villa_in_Late_Antique_and_Early_Medieval_Historiography_A_Reconsideration Acessado Out/2014

ANEXOS

Anexo 1- Roteiro de Mediação do Parque Lage.

Roteiro inicial para mediação no Parque e no Palacete Lage (com informações)

Identificar com o responsável pelo grupo, qual o interesse da visita e o tempo que possuem. Nossa visita dura no máximo 1 hora.

Alguém sabe o nome deste Parque? Porque será que se chama Parque Lage? Alguém conhece alguma história sobre esse lugar?

Podemos construir uma conversa partindo de hoje, o que é o Parque Lage e a Escola de artes visuais.

Na frente da Escola:

Vocês sabem o que funciona aqui? Será que aqui sempre foi uma escola?

Conversar sobre Henrique Lage, Gabriela Besanzone.

E antes de ser construída essa mansão?

Para a história não ficar longa e com muitas datas, vale resumir!

Temos informação de que aqui foi um engenho de açúcar, em 1575. E depois uma fazenda. Foi mudando de dono até chegar no Henrique Lage em 1910.

A construção do palacete aconteceu na década de 20 até 1929. Se mudaram em 1931 e permaneceram até 1941 quando Henrique Lage morreu. Gabriela voltou para a Itália.

Estimular a percepção do espaço, os materiais como mármore, pedra, pó de pedra que foram usados na construção.

Para uma visita dentro da mansão: O que era o quê na mansão Lage:

Hall de entrada e Galerias 1 e 2 – salas de estar

Salão Nobre- Salão onde Gabriela cantava para seus convidados

Cantina – Cozinha

Auditório – Sala de Jantar

Sala da direção e secretaria – Quarto da Gabriela e do Henrique

Sala 1 – quarto

Sala 2- quarto

NAT – quarto

Copa (bebedouro e pia de aço) - ? Não temos informação.

Banheiro feminino – banheiro do casal

Banheiro masculino – banheiro social da casa

Biblioteca – quarto com banheiro para convidados (no chão há um tapume que cobre uma banheira – na sala da Xerox).

Salão de Desenho – biblioteca da mansão

Galeria EAV - corredor

Sala de Teoria , Multimídia e Fotografia – dependências dos empregados

Sala de litografia e serigrafia – lavanderia

Sala de gravura em metal / breu - lavanderia/ apoio para cozinha. Na sala do breu vemos no teto um buraco. Esse buraco era um elevador para passar pratos para a cozinha.

Sala das crianças – dependências dos empregados.

Cofre (atualmente usado como armário/ depósito) – Cofre

Cavalarças – nunca teve cavalos. É uma construção da época em que era uma

fazenda. Servia de apoio ‘as atividades da fazenda. Não sabemos o quê, exatamente.

Visitando o Parque

Vários percursos são possíveis, avaliar sempre se é conveniente ir até o lago dos patos, pois é longe.

Escolher um roteiro pelo parque de acordo com o interesse e disponibilidade do grupo.

Aquário, grutas, lavanderia dos escravos, lago dos patos, recanto dos namorados, coreto, torre (castelinho). A visita pode ser encerrada no Parquinho ou voltando para a frente da Mansão. Isso deve ser combinado com a professora.

Somente entrar na gruta com crianças se a professora responsável autorizar.

Dependendo do percurso, as conversas vão mudar.

Por exemplo, é interessante conversar sobre a época em que aqui era um engenho de açúcar na lavanderia dos escravos.

O Parque Lage está ligado à memória de nossa cidade. Antigo engenho de açúcar na época do Brasil Colonial, suas terras se estendiam até as margens da lagoa, (atual Rodrigo de Freitas), conhecida na época pelos índios como de Sacopenapã - lagoa de raízes chatas, em Tupi-Guarani. O Engenho Del Rey pertencia a Antonio Salema, governador do Rio de Janeiro no século XVI.

Os jardins que cercam a casa fazem parte do Parque Nacional da Tijuca. São organizados de forma geométrica e o entorno compreende 52 hectares de floresta exuberante, com variedade de espécies da Mata Atlântica, nas encostas do Maciço do Corcovado e ao lado do Jardim Botânico

O Parque Lage cativa os visitantes que por aqui passam. Seja pela efervescência cultural da EAV, seja pela possibilidade de passeios no clima bucólico de sua área verde, onde destacam-se o lago e as ilhas artificiais, as pontes com trabalhos em rocaïlle, o coreto e a gruta, construídos em argamassa, imitando rochas e troncos de árvores.

Pode-se também circular dentro de uma das cavernas artificiais e admirar os aquários incrustados nas paredes. Os 12 tanques - o maior deles com capacidade para seis mil litros - abrigam diversas espécies de peixes, priorizando espécies de biomas de rios brasileiros.

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage/EAV, órgão da Secretaria de Estado de Cultura, foi criada em 1975 por ocasião da fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, substituindo o antigo Instituto de Belas Artes/IBA que, inicialmente, havia funcionado na Praia Vermelha.

Localizada no antigo e histórico palacete da família Lage, dentro de uma área de 174 mil metros quadrados de jardins rodeados pela floresta da Mata Atlântica, a instituição constitui-se num sistema de escola "livre", sem pré-requisitos de admissão. Sua nova estrutura, contudo, oferece uma articulação entre seus diversos módulos, orientada de modo a permitir ao artista uma formação intelectual mais aprofundada, comprometida, prioritariamente, com a arte atual e expressando o pensamento contemporâneo em toda a sua

abrangência. Arte, história e natureza reúnem-se na criação de um espaço único, ponto de referência nacional e internacional para as artes visuais do Brasil.

A história da EAV Parque Lage

Assumindo a primeira direção da EAV, em 1975, Rubens Gerchman mudou inteiramente a filosofia do antigo IBA e convidou artistas notáveis para compor seu quadro de professores, como Roberto Magalhães, Celeida Tostes, Dionísio Del Santo, Gastão Manuel Henrique, Helio Eichbauer e Alair Gomes.

Neste período, marcado pela ditadura militar, a escola tornou-se um espaço de resistência extremamente dinâmico, uma espécie de território livre, aberto a múltiplos tipos de manifestações que, normalmente impedidas pela censura e pela repressão, encontravam no Parque Lage um ambiente propício. Inúmeras exposições, projeções de filmes, espetáculos musicais e peças teatrais foram realizadas nesta época na escola como forma de protesto.

Com a saída de Gerchman, o novo diretor Rubem Breitman convidou vários novos artistas para o quadro docente da EAV, entre eles, Luiz Áquila, John Nicholson e Charles Watson. Preparava-se o caminho para a formação dos artistas da chamada “geração 80”, que participariam em 1984 da exposição *Como vai você, geração 80?*, marco na história da escola e da arte brasileira, durante a direção de Marcus Lontra. Ocuparam depois a direção da EAV, Frederico Moraes, Luiz Áquila, João Carlos Goldberg, Luiz Alphonsus de Guimaraens, Luiz Ernesto Moraes, Reynaldo Roels Jr., Carlos Martins, Luiza Interlenghi e, atualmente, Claudia Saldanha.

Dentre as inúmeras exposições realizadas na escola, algumas representam pontos de referência nas artes plásticas brasileiras. Além da histórica *Como vai você, geração 80?*, que contou com a participação de 123 artistas, outras mostras importantes sucederam-se, entre elas *Território ocupado* (1984) e *Déjeunersurl'Art* (1988). Com a curadoria de Frederico Moraes, aconteceu na EAV, em 1989, a primeira exposição de Artur Bispo do Rosário, interno da Colônia Juliano Moreira, cujas obras são hoje apresentadas em importantes instituições internacionais.

Em 2000, a EAV inaugurou um novo espaço de exposições no pavilhão anexo à Mansão dos Lage, conhecido como Cavalariças, com o projeto “Zona Instável”. Nomes destacados da arte brasileira, como Cildo Meireles, Luiz Alphonsus, Wanda Pimentel, Regina Silveira, Ana Tavares, Nelson Felix, Daniel Senise, Afonso Tostes e Niura Bellavinha já realizaram exposições que vêm caracterizando este local como um dos mais instigantes e originais da cidade.

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage é palco de inúmeras formas de expressão artísticas contemporâneas e de debates, com palestras e seminários, lançamentos de livros, espetáculos teatrais e musicais, que fazem dela um constante fórum de discussão sobre os problemas culturais de ponta, seja no Brasil ou no exterior. O reconhecimento internacional da EAV tem-se manifestado, também, através de parcerias e intercâmbios com instituições estrangeiras, viabilizando cursos e palestras de artistas e críticos de diferentes países.

A Mansão dos Lage

Arquiteto: italiano Mario Vodrel

Pinturas decorativas de: Salvador PayolsSabaté assinou a pintura decorativa das paredes e dos tetos – encontramos no atual salão de desenho.

Paisagista: inglês John Tyndale

1575/1578 – Engenho de açúcar del Rei

1609 – Fazenda. Fagundes Varela iniciou a construção da casa-grande, senzala, calabouço de escravos. Não sabemos onde era a localização dessas construções.

1620 - Rodrigo de Freitas de Mello Castro comprou as terras de Fagundes Varela, agregando-lhes, também, os engenhos de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Cabeça. Toda a extensão das terras passou a ser denominada Engenho dos Rodrigo de Freitas. A propriedade ia até a lagoa Rodrigo de Freitas.

1660 - Construção de uma nova residência do Engenho dos Rodrigo de Freitas.

1840- Desapropriação da fazenda em 1890 e da Chácara da Cabeça, o atual Parque Lage pelo príncipe D. João.

1840- um nobre inglês comprou o parque e contratou, em 1840, o paisagista John Tyndale para projetar seus jardins, no mesmo ano em que a mansão ficou pronta.

1844- A propriedade passou a pertencer a João Pereira de Almeida, sendo vendida pela quantia de oito mil réis a Antonio Martins Lage, em 1859, denominando-se Chácara dos Lage.

1859 – Chácara dos Lage.

1890 –Os filhos, Alfredo, Roberto e Antonio Filho Lage foram agraciados pelo pai, com a transferência da área para o seu nome.

1910- a chácara pertencia ao armador Henrique Lage, filho de Antonio e o maior benfeitor da Chácara dos Lage.

1929- O palacete ficou pronto.

1941 - Morreu Henrique Lage (Rio de Janeiro, 14 de março de 1881 — Rio de Janeiro, 2 de julho de 1941) foi um industrial brasileiro.

1962 – Morreu Gabriella Besanzoni (Itália, 1888 - Itália, 1962).

1965 - Com o fim da prosperidade do empresário Henrique Lage, parte de sua propriedade foi entregue ao Banco do Brasil como forma de pagamento de dívidas, e o restante foi vendido a uma empresa particular. Diante da necessidade de preservação do Parque Lage, o Instituto Florestal determinou o tombamento do lugar como patrimônio histórico e paisagístico. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN concretizou a operação, tombando-o, com a conseqüente desapropriação da área para a construção de um parque público e, em 1965, foi feito o tombamento reafirmado pelo Estado.

1966 - Instituto de Belas Artes - IBA, fundado em 1950 e transferido para o parque Lage em 1966. Antes funcionava na Praia Vermelha, Urca.

1976- o Parque Lage passou para o domínio da União.

1975 –Foi fundada a A Escola de Artes Visuais do Parque Lage/EAV, órgão da Secretaria de Estado de Cultura, foi criada em 1975 por ocasião da fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro.

1977 – a União cedeu-o ao IBDF, atual Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis /IBAMA, para ampliação da área do Jardim Botânico, sob forma de utilização gratuita. Após caloroso período de manifestações de toda a classe artística e tentativas de negociação com o IBAMA, a Escola de Artes

Visuais recebeu a posse e o uso do Parque Lage pelo prazo de dez anos, através de Decreto Presidencial, datado de 15 de abril de 1991.

1996 - A 23ª Vara de Justiça determinou, em 18 de dezembro de 1996, que a ocupação da Escola compreendesse apenas o conjunto arquitetônico, composto pela Mansão dos Lage e seus anexos, voltando a administração da área verde para o IBAMA.

2009 - A Portaria nº124, de 28 de maio de 2009, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, garantiu a permanência da EAV na mansão e anexos do Parque Lage por mais vinte anos, prorrogáveis por iguais e sucessivos períodos. Além de sua tradição no panorama das artes visuais, o Parque Lage está ligado à memória de nossa cidade, à história de um Rio Antigo, com a construção, em 1575/78, de um engenho de açúcar pelo governador Antonio Salema. Transformando-a em uma grande fazenda, em 1609, Fagundes Varela iniciou a construção da casa-grande, senzala, calabouço de escravos etc, do Engenho de Açúcar Del Rei. Já em 1620, Rodrigo de Freitas de Mello Castro comprou as terras de Fagundes Varela, agregando-lhes, também, os engenhos de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Cabeça. Toda a extensão das terras passou a ser denominada Engenho dos Rodrigo de Freitas e, em 1660, iniciou-se a construção de uma nova residência.

Ao longo dos anos a fazenda foi desmembrada em várias chácaras, entre as quais a Chácara da Cabeça, o atual Parque Lage. Com a desapropriação da fazenda, em 1809, pelo Príncipe D. João, um nobre inglês comprou o parque e contratou, em 1840, o paisagista John Tyndale para projetar seus jardins, no mesmo ano em que a mansão ficou pronta.

A propriedade passou a pertencer, quatro anos depois, a João Pereira de Almeida, sendo vendida pela quantia de oito mil réis a Antonio Martins Lage, em 1859, denominando-se Chácara dos Lage.

Seu novo dono fez algumas reformas na propriedade. Construiu uma represa, reaproveitando as águas límpidas da cachoeira, e transformou a antiga casa em moradia de seus empregados. Seus três filhos, Alfredo, Roberto e Antonio Filho foram agraciados pelo pai, em 1890, com a transferência da área para o seu nome.

Vinte anos mais tarde, a chácara pertencia ao armador Henrique Lage, filho de Antonio e o maior benfeitor da Chácara dos Lage. Para agradar a sua mulher, a cantora lírica italiana Gabriela Bezanzoni, Henrique Lage decidiu construir uma nova mansão na Quinta. O projeto, realizado pelo arquiteto italiano Mario Vodrel, sob a influencia da artista, imprimiu um ecletismo ímpar ao casarão, incluindo a importação de mármore da Itália para a ornamentação do interior. Salvador Payols Sabaté assinou a pintura decorativa das paredes e dos tetos. As fachadas, totalmente revestidas em cantaria, receberam um tratamento clássico ao estilo das vilas e palácios italianos.

O Palacete dos Lage, como era conhecido, foi projetado de modo a acolher a intensa vida social do casal, registrada amplamente nas crônicas da época. Destacavam-se os recitais da cantora, que aconteciam no salão nobre da casa, planejado especialmente para esta finalidade.

A EAV e o Parque Lage

Com o fim da prosperidade do empresário Henrique Lage, parte de sua propriedade foi entregue ao Banco do Brasil como forma de pagamento de dívidas, e o restante foi vendido a uma empresa particular. Diante da necessidade de preservação do Parque Lage, o Instituto Florestal determinou o tombamento do lugar como patrimônio histórico e paisagístico. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN concretizou a operação, tombando-o, com a consequente desapropriação da área para a construção de um parque público e, em 1965, foi feito o tombamento reafirmado pelo Estado.

Em 1976, o Parque Lage passou para o domínio da União que, em 1977, cedeu-o ao IBDF, atual Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis /IBAMA, para ampliação da área do Jardim Botânico, sob forma de utilização gratuita. Após caloroso período de manifestações de toda a classe artística e tentativas de negociação com o IBAMA, a Escola de Artes Visuais recebeu a posse e o uso do Parque Lage pelo prazo de dez anos, através de Decreto Presidencial, datado de 15 de abril de 1991.

A 23ª Vara de Justiça determinou, em 18 de dezembro de 1996, que a ocupação da Escola compreendesse apenas o conjunto arquitetônico, composto pela Mansão dos Lage e seus anexos, voltando a administração da área verde para o IBAMA.

A Portaria nº124, de 28 de maio de 2009, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, garantiu a permanência da EAV na mansão e anexos do Parque Lage por mais vinte anos, prorrogáveis por iguais e sucessivos períodos.

A Associação dos Amigos da Escola de Artes Visuais - AMEAV

Com o objetivo de auxiliar a administração e o custeio da manutenção da Escola, foi assinado, em 25 de fevereiro de 1992, um convênio entre o Estado do Rio de Janeiro, mais uma vez através da Secretaria de Estado de Cultura, e a Associação dos Amigos da Escola de Artes Visuais/AMEAV, sociedade sem fins lucrativos, visando uma cooperação técnica para o desenvolvimento e aprimoramento das atividades da EAV.

A ação do Governo Estadual e a AMEAV unem-se numa gestão integrada da Escola, de modo a viabilizar as atividades da Escola na Mansão dos Lage e a dinamizar suas atividades.

ANEXO 2

EAV Parque Lage

www.eavparquelage.rj.gov.br/eavText.asp?sMenu=VISI

GOVERNO DO Rio de Janeiro

view english version

home informações práticas contato apoie a eav visite o parque locação de espaço

ESCOLA ENSINO PROJETOS EXPOSIÇÕES AGENDA PARCEIROS DEBATES



VISITE O PARQUE

O Parque Lage está ligado à memória de nossa cidade. Antigo engenho de açúcar na época do Brasil Colonial, suas terras se estendiam até as margens da lagoa, (atual Rodrigo de Freitas), conhecida na época pelos índios como de Sacopenapã - lagoa de raízes chatas, em Tupi-Guarani. O Engenho Del Rey pertencia a Antônio Salema, governador do Rio de Janeiro no século XVI.

Após 1660, passou a pertencer à família Rodrigo de Freitas Mello. Em meados do século XIX, um nobre inglês compra parte das terras, e contrata em 1840 o paisagista inglês John Tyndale para projetar um jardim de estilo romântico, nos moldes das quintas europeias.

Em 1859, parte da fazenda passa a ser propriedade de Antonio Martins Lage.

Os anos se passam, a chácara vai parar em outras mãos, mas, em 1920, um neto de Antonio Martins Lage, o empresário Henrique Lage, a compra.

Amante das artes, Henrique Lage apaixonou-se e casa-se com a cantora lírica italiana, Gabriela Besanzoni. Para agradar a artista, manda construir uma réplica perfeita de um "palazzo romano", e reformula parte do projeto paisagístico.

Dois grandes portões se abrem à Rua Jardim Botânico, nº 414, para os caminhos cercados de palmeiras imperiais que levam à mansão, projetada pelo arquiteto italiano Mario Vodrel. A fachada principal tem pórtico saliente, totalmente revestido de cantaria. O casarão, construído em torno de uma piscina, tem mármore e azulejos e ladrilhos importados da Itália. As pinturas decorativas dos seus salões foram assinadas por Salvador Paylos Sabaté.

Os jardins que cercam a casa fazem parte do Parque Nacional da Tijuca. São cercados de forma

EAV
ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

Rua Jardim Botânico, 414
Jardim Botânico
Rio de Janeiro - RJ
CEP 22.461-000

eav@eav.rj.gov.br
Tel 21 3257.1800
Tel 21 3257.1840
Fax 21 3257.1809

PARQUE
Diariamente, das 8h às 17h

SECRETARIA
2ª a 5ª feira - 9h às 20h30
6ª feira - 9h às 17h
Sábado - 9h30 às 12h30

BIBLIOTECA
2ª a 5ª feira - 9h às 21h, 6ª feira - 9h às 17h
Sábado - 9h às 13h

GALERIAS 1 E 2 E EAV
2ª a 5ª feira - 9h às 19h
6ª feira, sábado e domingo - 9h às 17h

CAVALARIAS
Diariamente, das 8h às 17h

PT 15:50 27/10/2014

Anexo 3- Carta de Veneza

Carta de Veneza

DE MAIO DE 1964

II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos
ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Escritório

Carta internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios.

Portadoras de mensagem espiritual do passado, as obras monumentais de cada povo perduram no presente como o testemunho vivo de suas tradições seculares. A humanidade, cada vez mais consciente da unidade dos valores humanos, as considera um patrimônio comum e, perante as gerações futuras, se reconhece solidariamente responsável por preservá-las, impondo a si mesma o dever de transmiti-las na plenitude de sua autenticidade.

É, portanto, essencial que os princípios que devem presidir à conservação e à restauração dos monumentos sejam elaborados em comum e formulados num plano internacional, ainda que caiba a cada nação aplicá-los no contexto de sua própria cultura e de suas tradições.

Ao dar uma primeira forma a esses princípios fundamentais, a Carta de Atenas de 1931 contribui para a propagação de um amplo movimento internacional que se traduziu principalmente em documentos nacionais, na atividade de ICOM e da UNESCO e na criação, por esta última, do Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauração dos Bens Culturais. A sensibilidade e o espírito crítico se dirigem para problemas cada vez mais complexos e diversificados. Agora é chegado o momento de reexaminar os princípios da Carta para aprofundá-las e dotá-las de um alcance maior em um novo documento.

Conseqüentemente, o Segundo Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, reunido em Veneza de 25 a 31 de maio de 1964, aprovou o texto seguinte:

Definições

Artigo 1º - A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural.

Artigo 2º - A conservação e a restauração dos monumentos constituem uma disciplina que reclama a colaboração de todas as ciências e técnicas que possam contribuir para o estudo e a salvaguarda do patrimônio monumental.

Finalidade

Artigo 3º - A conservação e a restauração dos monumentos visam a salvaguardar tanto a obra de arte quanto o testemunho histórico.

Conservação

Artigo 4º - A conservação dos monumentos exige, antes de tudo, manutenção permanente.

Artigo 5º - A conservação dos monumentos é sempre favorecida por sua destinação a uma função útil à sociedade; tal destinação é portanto, desejável, mas não pode nem deve alterar a disposição ou a decoração dos edifícios. É somente dentro destes limites que se deve conceber e se pode autorizar as modificações exigidas pela evolução dos usos e costumes.

Artigo 6º - A conservação de um monumento implica a preservação de um esquema em sua escala. Enquanto subsistir, o esquema tradicional será conservado, e toda construção nova, toda destruição e toda modificação que poderiam alterar as relações de volumes e de cores serão proibidas.

Artigo 7º - O monumento é inseparável da história de que é testemunho e do meio em que se situa. Por isso, o deslocamento de todo o monumento ou de parte dele não pode ser tolerado, exceto quando a salvaguarda do monumento o exigir ou quando o justificarem razões de grande interesse nacional ou internacional.

Artigo 8º - Os elementos de escultura, pintura ou decoração que são parte integrante do monumento não lhes podem ser retirados a não ser que essa medida seja a única capaz de assegurar sua conservação.

Restauração

Artigo 9º - A restauração é uma operação que deve ter caráter excepcional. Tem por objetivo conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e fundamenta-se no respeito ao material original e aos documentos autênticos. Termina onde começa a hipótese; no plano das reconstituições conjecturais, todo trabalho complementar reconhecido como indispensável por razões estéticas ou técnicas destacar-se-á da composição arquitetônica e deverá ostentar a marca do nosso tempo. A restauração será sempre precedida e acompanhada de um estudo arqueológico e histórico do monumento.

Artigo 10º - Quando as técnicas tradicionais se revelarem inadequadas, a consolidação do monumento pode ser assegurada com o emprego de todas as técnicas modernas de conservação e construção cuja eficácia tenha sido demonstrada por dados científicos e comprovada pela experiência.

Artigo 11º - As contribuições válidas de todas as épocas para a edificação do monumento devem ser respeitadas, visto que a unidade de estilo não é a finalidade a alcançar no curso de uma restauração, a exibição de uma etapa subjacente só se justifica em circunstâncias excepcionais e quando o que se elimina é de pouco interesse e o material que é revelado é de grande valor histórico, arqueológico, ou estético, e seu estado de conservação é considerado satisfatório. O julgamento do valor dos elementos em causa e a decisão quanto ao que pode ser eliminado não podem depender somente do autor do projeto.

Artigo 12º - Os elementos destinados a substituir as partes faltantes devem integrar-se harmoniosamente ao conjunto, distinguindo-se, todavia, das partes originais a fim de que a restauração não falsifique o documento de arte e de história.

Artigo 13º - Os acréscimos só poderão ser tolerados na medida em que respeitarem todas as partes interessantes do edifício, seu esquema tradicional, o equilíbrio de sua composição e suas relações com o meio ambiente.

Sítios Monumentais

Artigo 14º - Os sítios monumentais devem ser objeto de cuidados especiais que visem a salvaguardar sua integridade e assegurar seu saneamento, sua manutenção e valorização. Os trabalhos de conservação e restauração que neles se efetuarem devem inspirar-se nos princípios enunciados nos artigos precedentes.

Escavações

Artigo 15º - Os trabalhos de escavação devem ser executados em conformidade com padrões científicos e com a "Recomendação Definidora dos Princípios Internacionais a serem aplicados em Matéria de Escavações Arqueológicas", adotada pela UNESCO em 1956.

Devem ser asseguradas as manutenções das ruínas e as medidas necessárias à conservação e proteção permanente dos elementos arquitetônicos e dos objetos descobertos. Além disso, devem ser tomadas todas as iniciativas para facilitar a compreensão do monumento trazido à luz sem jamais deturpar seu significado.

Todo trabalho de reconstrução deverá, portanto, deve ser excluído a priori, admitindo-se apenas a anastilose, ou seja, a recomposição de partes existentes, mas desmembradas. Os elementos de integração deverão ser sempre reconhecíveis e reduzir-se ao mínimo necessário para assegurar as condições de conservação do monumento e restabelecer a continuidade de suas formas

Documentação e Publicações

Artigo 16º - Os trabalhos de conservação, de restauração e de escavação serão sempre acompanhadas pela elaboração de uma documentação precisa sob a forma de relatórios analíticos e críticos, ilustrados com desenhos e fotografias. Todas as fases dos trabalhos de desobstrução, consolidação recomposição e integração, bem como os elementos técnicos e formais identificados ao longo dos trabalhos serão ali consignados. Essa documentação será depositada nos arquivos de um órgão público e posta à disposição dos pesquisadores; recomenda-se sua publicação.